



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO**



---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

---

**“CADERNOS ÍNTIMOS” DIÁRIOS PUBLICADOS: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS DA ESCRITA DE DIÁRIOS, NO ÂMBITO DAS PRÁTICAS SOCIAIS DISSEMINADAS**

**INGRID ZACARELLI BRITO**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação .

**Setembro - 2011**

INGRID ZACARELLI BRITO

“CADERNOS ÍNTIMOS” DIÁRIOS PUBLICADOS: UM ESTUDO DAS  
PRÁTICAS DA ESCRITA DE DIÁRIOS, NO ÂMBITO DAS PRÁTICAS SOCIAIS  
DISSEMINADAS

Dissertação apresentada ao Instituto de  
Biotecnologia do Campus de Rio Claro,  
Universidade Estadual Paulista Júlio de  
Mesquita Filho, como parte dos requisitos  
para obtenção do título de Mestre Educação.  
Linha de pesquisa: Linguagem —  
Experiência – Memória – Formação.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. MARIA ROSA R. MARTINS DE CAMARGO

**CAPES**

Rio Claro  
2011

370 Brito, Ingrid Zacarelli  
B862c "Cadernos íntimos" diários publicados: um estudo das  
práticas da escrita de diários, no âmbito das práticas sociais  
disseminadas / Ingrid Zacarelli Brito. - Rio Claro : [s.n.], 2011  
89 f. : il., figs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro

Orientador: Maria Rosa R. Martins de Camargo

1. Educação. 2. Escrita feminina. I. Título.

*A Tatiana com carinho...*

*Ingrid*

## AGRADECIMENTOS

*Obrigada Maria Rosa por dar muitas asas ao meu pensamento... por ver coisas em mim que nem eu mesma consigo enxergar... por acreditar no meu trabalho... pela confiança... e por todos esses anos de amizade sincera... obrigada minha querida professora...*

*Obrigada Cesar pelas palavras amigas, pelas aulas inesquecíveis, pelos comentários frutíferos...*

*Obrigada mamãe e papai por estarem sempre ao meu lado torcendo por mim... eu amo vocês...*

*Obrigada Mayk pela atenção e carinho em me ouvir, durante horas a fio, falar sobre esta pesquisa... te amo...*

*Obrigada Mariane, Vanessa, Fabiana e Fernanda pelas risadas, pelo apoio amigo, pelo carinho, pelas confissões... por aqueles momentos que ficam pra sempre na nossa memória ...*

Quero realmente ser a autora da minha própria história, mas sou tantas possibilidades e pessoas, que de fato já não sei quem sou. Não sei como vai acabar minha história nem sei que história é esta que escrevo. Há histórias inventadas por mim, como há personagens de minha autoria...

Dina Sfat

## Resumo

A pesquisa aqui apresentada é parte integrante do Projeto intitulado *A aventura da escrita: práticas, saberes e cenários* que visa a aprofundar os estudos do ato de escrever na perspectiva de sua permanente metamorfose e da metamorfose de quem escreve e/ou lê, fundada na autonarração e autointerpretação que podem ser lidas [e interpretadas], também nos diários, escritos por pessoas comuns. Nesta pesquisa, focamos como objeto de estudo o *diário* situando-o entre as práticas da escrita disseminadas. A pesquisa embasa-se em estudos de diários publicados, escritos em sua maioria por mulheres. Cadernos aparentemente íntimos e secretos, editados e transformados em livros. Trata-se, como bem apresenta Nora Catelli, de uma dupla marginalidade muito atraente. Segundo a autora, “el diario íntimo de mujer sería, sin duda, el lugar de escritura más cercano a la verdad existencial de lo *diferente*” (2007, p.45). Há duas questões que mobilizam as discussões sobre os diários publicados: uma enunciada pelo pesquisador francês Philippe Lejeune (2008, p.260) - “quando se lê ‘o mesmo texto’ impresso em um livro, será de fato o *mesmo*?” e a outra elaborada por Laura Freixas (1996, p.11) - “¿Son verdaderamente diários íntimos?” Pesa sobre essas questões a apreensão do diário enquanto uma prática cultural ordinária e do livro enquanto um objeto cultural que instaura uma ordem. Segundo o historiador Roger Chartier, “os autores não escrevem livros: eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos” (1994, p.17). Daí que soa estranho o termo livro-diário. Enquanto livros, eles se apresentam como qualquer outro livro: capa, título, prefácio, apresentação, índice... Enquanto diário: o que há nesses livros? O texto é o mesmo? A intimidade composta é a mesma? O que permanece e o que se transforma quando o diário passa a ser livro? Norteando-se por essas questões o estudo busca (re)desenhar a prática de escrita do diário íntimo, em suas diversas facetas, borrando fronteiras entre ser escrita dita ordinária e ser escrita dita literária.

Palavras-chave: Cadernos íntimos, diários publicados, práticas de escrita feminina

## ABSTRACT

The research presented here is part of a project entitled *The adventure of writing: practices, knowledge and scenarios*, that seeks to deepen studies the act of writing in the perspective of its permanent metamorphosis and of metamorphosis of one who writes and/or read, based on self-narration and self-interpretation that can be read [and interpreted], also in the diaries written by ordinary people. In this research, we focus as objects of study the diary placing it among the disseminated practice of writing. The researches were based on the studies published diaries, written in its majority by women. Apparently intimate and secret notebooks edited and turned into books. It is, as well as Nora Catelli presents of a very attractive double marginality. According to the author, “el diario íntimo de mujer sería, sin duda, el lugar de escritura más cercano a la verdad existencial de lo *diferente*” (2007, p.45). There are two questions that can be said mobilize discussions about the published diaries: one enunciated by the French researcher Philippe Lejeune (2008, p.260) – "When you read 'the same' text printed in a book, will actually be the same?" And the other developed by Laura Freixas (1996, p.11) - “¿Son verdaderamente diarios íntimos?”. Weighs about these questions the seizure of the diary as a ordinary cultural practice and the book as a cultural object that establishes an order. According to historian Roger Chartier, "the authors do not write books, do not they write texts that have become objects writings, manuscripts, engravings, printed" (1994, p.17) .It seems strange that the term book-diary. As books, they appear like any other book: cover, title, preface, presentation, content ... As diary: what's in these books? The text is the same? The composed intimacy is the same? What remains and what it becomes when the diary becomes a book? Far from giving any answers to these questions the study seeks to (re)designing the practice of writing the diary in its various facets, blurring the boundaries between writing and other so-called ordinary literary dictates.

Keywords: Intimate Diary, published diaries, practice of feminine writing



## SUMÁRIO

### *INTRODUÇÃO*

A COLCHA DE RETALHOS.....	9
---------------------------	---

### *UM*

POR UMA LEITURA DO DIÁRIO PUBLICADO: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	13
--	----

### *DOIS*

DIÁRIO PUBLICADO: ENTRE SER DIÁRIO FEMININO E SER DIÁRIO MASCULINO – CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	26
---	----

### *TRÊS*

DOS CADERNOS ÍNTIMOS AOS DIÁRIOS PUBLICADOS: HISTÓRIAS ARQUIVADAS.....	39
--	----

Minha Vida de Menina – Helena Morley.....	39
---	----

Quarto de Despejo – Carolina de Jesus.....	46
--	----

Hospício é Deus – Maura Lopes Cançado.....	49
--	----

Diários das Mascaras / Em Psicanálise – Ruth Bueno .....	51
--	----

### *QUATRO*

CADERNOS, AGENDAS E DIÁRIOS SECRETOS DE GAROTAS UNIVERSITÁRIAS: A COMPOSIÇÃO DA ESCRITA ORDINÁRIA.....	55
--	----

Uma prática de infância: os diarinhos e as agendas de Tatiana.....	59
--	----

### *CINCO*

O DIÁRIO ÍNTIMO PUBLICADO EM QUESTÃO: ENTRE SER DIÁRIO E SER LIVRO.....	65
---	----

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	82
-----------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	83
----------------------------------	----

## INTRODUÇÃO

### A COLCHA DE RETALHOS

O diário íntimo, ao longo de muitos anos, tornou-se uma prática de escrita inquietante, provocativa, curiosa, instigante, desafiadora, atraente e cativante. Primeiro, o diário me foi dado de presente quando eu tinha uns 12 anos; depois se insinuou enquanto objeto de leitura, escrito por alunos jovens e adultos em aulas de Língua Portuguesa; tempos mais tarde apareceu como prática de escrita de uma aluna, menina, que confidenciava algumas páginas de seu diário, querendo que eu lesse o que, na verdade, já me tinha contado; mais tarde, no ano seguinte, vejo-me conversando com meus alunos entre 5 e 7 anos de idade sobre a produção de um diário de férias, como tarefa escolar. Foi desse modo que me aproximei do diário enquanto prática de escrita disseminada.

Cada encontro desses merece seus detalhes.

#### *O diário: um presente inesperado*

Devia ter de 12 para 13 anos quando ganhei um diário de presente. Ele tinha o formato de uma maçã e vinha com um cadeadinho e duas chavinhas. Era bonitinho, com todas aquelas páginas sombreadas de vermelho e com suas linhas também em vermelho. Talvez, muitas meninas da mesma idade ficassem entusiasmadas com o presente; eu, não; tive até que disfarçar. É que, naquela época, gostaria de ganhar muitas outras coisas de presente, entre as quais não se incluía um diário, mas quem me presenteou não tinha como saber disso, minha prima estava começando a me conhecer e eu a ela.

Deixei o presente meio que de lado. Uma vez ou outra, ficava me perguntado o que iria fazer com o diário. Até aquele momento, nunca tinha pensado em ter um diário; para falar a verdade, nem sabia direito o que era um diário. Com o tempo atrevi-me a escrever algumas páginas, a experienciar um espaço secreto, no qual podia contar coisas que ninguém saberia. Mas, mesmo assim, não me animava muito, já que tinha pouca coisa que gostaria de confidenciar. Só uma vez escrevi com muita vontade de escrever, tanta que cheguei a atropelar as palavras. Ao reler o texto tive que arrumar as frases. É como se estivesse vendo, agora, a folha na minha frente: meio rabiscada, brigando com o espaço “arrumadinho” da página pronta. Ainda hoje, algumas palavras saltam-me a memória. Só não esperem que eu as conte; é segredo.

Outro dia, até tentei (re)começar um diário, dei-me ao trabalho de procurar um caderno que me atraísse para essa prática. Não encontrei, mas isso foi só uma desculpa para alguém meio indisciplinada, que não quer correr o menor risco de ser lida por outros.

Resumindo minha história como escritora: certa vez, ganhei um diário e comecei a escrever nele, mas não foi adiante, suas poucas páginas se perderam no tempo e sua prática ficou apenas como uma lembrança. Talvez, para sempre.

### *O diário proposto como prática de escrita em aulas de Língua Portuguesa*

Em 2001, atuei como educadora bolsista do PEJA – Projeto de Educação de Jovens e Adultos<sup>1</sup>. Entre outras disciplinas, trabalhava o ensinar/aprender Língua Portuguesa, em uma das salas do projeto. A preocupação com uma escrita espontânea e diária, por parte dos educandos, que tinham medo de escrever qualquer coisa que fosse, resultou na adoção de cadernos de registro individuais sobre as vivências nas aulas. A prática da escrita surgiu como uma proposta de trabalho paralela aos conteúdos de leitura e produção textual desenvolvidos na referida disciplina. Os cadernos foram elaborados não como um produto a ser avaliado, mas como registro de um processo a ser compreendido: o ensinar e aprender a língua padrão, e como um espaço de experiência da escrita por jovens e adultos.

A proposta previa que os alunos escrevessem com liberdade, como bem quisessem; não haveria qualquer tipo de correção do uso da língua; pedia-se apenas que os registros fossem datados; o conteúdo dos textos deveria, na medida da percepção de cada um, atender às seguintes solicitações: facilidades, dificuldades, dúvidas, gostar ou não de algo, desejo de aprender/saber, emoções, sentimentos, entre outros. A intenção era de que os alunos registrassem, ao final das aulas, suas impressões e percepções sobre o próprio processo de aprendizagem.

Ao coletar regularmente os cadernos para leitura, podia, enquanto professora, intervir em alguns momentos, ora ajudando os alunos em suas dúvidas, ora explicitando pontos em que tinham dificuldades para entender a atividade ainda no processo. Percebi que, ao instituir a prática da escrita diária, muitos alunos começaram a falar abertamente de seus problemas, sendo um canal para expor suas dificuldades, descobertas, dúvidas em relação ao processo de aprendizagem, ao mesmo tempo em que expressavam suas emoções.

---

<sup>1</sup> O Projeto Educação de Jovens e Adultos: Práticas e Desafios tem por objetivo resgatar e propor práticas educativas que venham a contribuir para uma participação social mais efetiva de jovens e adultos. Cabe ressaltar o caráter interdisciplinar do Projeto que, com a participação dos alunos-bolsistas, visa à contribuição para sua formação como educadores.

Nessa perspectiva, os cadernos se configuram como um *diário escolar*. Pode-se dizer que os sujeitos da pesquisa foram (re)aprendendo, também, a contar suas experiências vividas. Os relatos extrapolavam a simples descrição de atividades ou percepções e os cadernos tornaram-se um espaço em que os sujeitos refletiam sobre suas experiências, conjeturavam sobre a validade das mesmas e exercitavam seu saber num crescendo particular a cada um, em um ritmo próprio.

Esses cadernos de registro foram o meu segundo contato com o objeto *diário*, entendido como um recurso didático-pedagógico e um instrumento para o registro do processo de ensino/aprendizagem da língua, especialmente na modalidade escrita. Essa prática do diário foi desenvolvida com o objetivo de coletar dados para a pesquisa de conclusão de curso em pedagogia (2004).

Na análise do material, há momentos em que o interlocutor parece aproximar seu texto do que poderia ser um diário íntimo, como no fragmento que se segue: “adimiro sua calma e paciência conosco gostaria de ser assim, mas como mudar se cada pessoa tem seu jeito de ser. As vezes eu penso será que vale a pena lutar?” (MS: 29/11/2002). Muito mais que um relato da aula, o sujeito/aprendiz parece dialogar consigo mesmo sobre seu modo de ser e viver; a questão enunciada encontra eco em seu próprio modo de existir, que compartilha com a interlocutora.

#### *O diário da menina*

Em um certo dia do ano de 2007, quando atuava como professora de um 1º ano na rede municipal de ensino de São Caetano do Sul, fui surpreendida por uma aluna que me trouxe seu diário para eu ler. Tratava-se de uma menina de 7 anos de idade. Entusiasmada, ao mesmo tempo em que me mostrava determinadas páginas, explicava que ali havia registrado acontecimentos, lugares e sentimentos (entre outras coisas), que compunham o quadro de seu final de semana. Mesmo contando, a menina insistia que eu lesse. O acontecimento narrado parecia ter sido muito significativo para a autora. Folheei o material com um pouco de pressa e li alguns trechos. Ficaram na memória.

#### *O diário das férias escolares*

No ano seguinte ao acontecimento narrado, foi decidida pelo grupo de professoras do 1º ano, do qual eu fazia parte, a produção de um diário, pelos alunos, durante as férias de julho. Para tal, foi realizada uma roda de conversa com cada turma, sobre o que é um diário. As respostas apontaram certo conhecimento sobre o objeto. Uma menina respondeu; pensou

um pouco e reafirmou “é pessoal... É onde escrevemos nossos segredos”. Outros chegaram até a comentar, o que me deixou muito surpresa, por se tratar de crianças entre 6 e 7 anos, que tinham um diário.

Ficou decidido e combinado que, quando os alunos voltassem das férias, o diário produzido por cada uma das crianças seria lido na sala. Produziram-se os mais variados diários. Alguns eram ricos em detalhes, contavam o que se fez, como, onde, quando e com quem; outros rabiscavam algumas poucas linhas. Lê-los, sozinha ou com a classe toda, era ir participando de uma escrita do dia-a-dia, de eventos e acontecimentos, com maior ou menor importância que, na leitura, voltavam à memória com outros contornos.

Cada história dessas faz parte da colcha de retalhos que compõe meu projeto de pesquisa, algumas enunciadas, outras meio que escondidas. Algumas mais detalhadas, outras nem tanto. Os contornos borrados de cada uma foram trilhando os caminhos ziguezagueantes dessa pesquisa, que teve como porto de partida a leitura do diário de uma menina chamada Anne Frank. No dia 28 de julho de 2008, adquiri, pela internet, o diário de Anne Frank e dei início a minha pesquisa, ainda *mal* rabiscada.

*UM***POR ENTRE LEITURAS DE DIÁRIOS PUBLICADOS: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO**

A leitura do diário de Anne Frank foi o meu primeiro contato com o diário publicado e com os modos como o livro apresenta, ao leitor, o diário enquanto prática da escrita. Aparentemente muito bem explicada, a edição indica os possíveis caminhos que permeiam a transformação do diário em livro, entre outras questões que envolvem a prática de escrever diário.

Trata-se aqui da leitura da 25ª edição do diário de Anne Frank, compilado pela escritora alemã Mirjam Pressler e traduzido, a partir da edição em língua inglesa, para o português, por Ivanir Alves Calado. Publicado pela Editora Record, em 2008, o diário apresenta-se entre as outras edições que consultei em catálogo, como “Edição Definitiva”, contendo fotos e textos inéditos.

Um breve prefácio apresenta, de forma enxugada, a história das três versões (*a*, *b* e *c*) dos diários de Anne Frank, já publicadas em livro e agora compiladas, nessa edição integral aprovada pela Fundação Anne Frank. Uma história que se torna interessante não só pelo que conta, mas também pelo que parece omitir.

A primeira versão, publicada em 1947, posteriormente citada como *versão c*, foi editada pelo pai de Anne, Otto Frank. Segundo informações do próprio prefácio, o diário foi encontrado e guardado pela secretária Miep Gies, quando ficou confirmada a morte da jovem; a secretária o entregou ao pai de Anne, que decidiu, depois de longo tempo, realizar o desejo da filha e torná-lo público para que o mundo todo conhecesse a sua história. Ao fazer esta opção, Otto Frank teve que transformar pouco mais de dois anos de diário (12 de junho de 1942 – 1º de agosto de 1944), escritos quase que diariamente, em um livro curto para que se adequasse a uma coleção publicada pelo editor holandês. Além disso, a seleção e a organização do material “tinham” que levar em conta a cultura da sociedade da época, o costume de não se abordar assuntos relacionados à sexualidade em livros para jovens e o respeito a zelar pela memória das pessoas mortas citadas no diário. Assinala-se uma primeira distinção entre o diário apresentado, escrito por Anne Frank, e o livro publicado por Otto Frank, que edita o material com vista ao mercado editorial e ao público leitor.

Para o historiador Roger Chartier (1996, p.95), é importante "separar dois conjuntos de dispositivos frequentemente confundidos: os procedimentos de produção de textos, de um

lado, e os de produção de livro de outro"; "os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras" (CHARTIER, 1994, p.17).

A edição final do livro contém cortes referentes às passagens sobre a sexualidade de Anne, e outras pouco elogiosas à mãe e aos moradores do "Anexo Secreto"<sup>2</sup>. Essas alterações justificam-se pelo fato de Anne ter escrito "sem reservas sobre as coisas das quais gostava ou não gostava" (FRANK, 2008, p.6). São "coisas" que, parece, cabem em um diário íntimo, escrito para si, mas não em um livro editado para um público leitor. Para nós, leitores, ficam indícios de que o texto escrito por Anne é algo que se diferencia de ser o livro de Otto Frank.

Segundo consta, no prefácio referido, essa *versão c* teria sido editada com material das *versões a e b* do diário de Anne Frank. A *versão a* é o diário que Anne inicia em junho de 1942, escrito estritamente para si mesma, ao que parece, até março de 1944; e a *versão b* é o diário de Anne modificado por ela mesma a partir dessa data.

Para entender melhor, é preciso começar a história do começo. Anne Frank deu um ponto de partida quando escreveu sobre o diário que recebeu como presente em seu 13<sup>a</sup> aniversário:

Domingo, 14 de junho de 1942. Vou começar com o momento em que ganhei você, o momento em que o vi na mesa, entre meus outros presentes de aniversário. (Eu estava junto, quando você foi comprado, mas isso não contava). Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas, o que não é de espantar, já que era meu aniversário. Mas não tenho permissão de levantar a essa hora, por isso tive de controlar minha curiosidade... Pouco depois das sete fui ver papai e mamãe, e depois fui à sala abrir meus presentes, e você foi a primeira coisa que vi, talvez um dos meus melhores presentes. (FRANK, 2008, p. 11-12)

Em uma entrada anterior – 12 de junho de 1942 –, Anne nos revelava sua intenção e seu propósito ao ganhar o diário: "Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda" (2008, p.10). Para Anne a experiência de escrever um diário soava muito estranha, no dia 20 de junho de 1942; entretanto escreveu:

20 de junho de 1942: "Escrever um diário é uma experiência realmente estranha para alguém como eu. Não somente porque nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que mais tarde ninguém se interessará, nem mesmo eu, pelos pensamentos de uma garota de treze anos. Bom não importa. Tenho vontade de escrever, e tenho uma necessidade ainda maior de tirar todo tipo de coisa de dentro do meu peito" (2008, p.16).

Ela também explicava, nas primeiras páginas do diário, que ia não quer jogar os fatos

---

<sup>2</sup> Anexo Secreto é o termo que Anne usou para se referir ao sótão da firma, no qual, ela e sua família ficaram escondidas durante anos.

de qualquer modo, mas sim escrevê-los como se fosse para uma amiga, que decidiu chamar de Kitty. Antes de começar a contar suas histórias para Kitty, Anne escreveu em seu diário um breve resumo de sua vida, apesar de afirmar não gostar muito de fazê-lo. Depois, em forma de cartas dirigidas a Kitty, Anne foi contando para a amiga, o que acontecia com ela, em uma relação secreta de amizade e confiança “Hoje tenho duas coisas para confessar. Vai demorar um longo tempo, mas tenho de contar a alguém, e você é a candidata mais adequada - sei que vai guardar segredo, não importa o que aconteça” (p.169).

Pouco menos de um mês depois de começar seu diário, Anne relatou a sua amiga Kitty sua ida para o “Anexo Secreto”, juntamente com sua família. A mudança para o esconderijo estava prevista para o dia 16 de julho, explicou Anne a Kitty; “devido à convocação de Margot, o plano tivera de ser antecipado em dez dias, o que significava que teríamos de nos adaptar a aposentos menos organizados” (2008, p. 32)

Meses depois, no dia 28 de setembro de 1942, Anne, acrescentou junto às primeiras páginas de seu diário seu conforto por tê-lo trazido para o “Anexo Secreto”:

Até agora você tem sido uma grande fonte de conforto para mim, como também tem sido Kitty, para quem tenho escrito regularmente. Esse modo de manter um diário é melhor, e agora mal posso esperar pelos momentos em que posso escrever em você. Ah, fico tão feliz por ter trazido você! (2008, p.11)

A entrada do dia 30 de outubro de 1943, também é significativa nesse sentido:

Tanta coisa me passa pela cabeça à noite, quando estou sozinha, ou durante o dia quando sou obrigada a estar perto de gente que não suporto ou que invariavelmente interpreta mal minhas intenções! É por isso que sempre termino voltando ao meu diário – começo nele e termino nele porque Kitty é sempre paciente. Prometo a ela que, a despeito de tudo, vou em frente, que vou encontrar o meu caminho e refrear as lágrimas... Não me condene, mas pensa em mim como uma pessoa que algumas vezes chega ao ponto de explodir! Sua Anne. (FRANK, 2008, p. 152 - 153).

Durante todo o tempo que Anne esteve escondida no “Anexo Secreto”, ela continuou escrevendo seu diário. No dia 29 de março de 1944, Anne ficou entusiasmada com o comunicado do ministro Bolkestein que anunciava, em transmissão radiofônica, o interesse do governo em recolher testemunhos oculares do sofrimento causado pela guerra, que pudessem vir a público, principalmente cartas e diário. Eis o relato de Anne:

Querida Kitty, o ministro Bolkestein, falando no noticiário holandês transmitido da Inglaterra, disse que depois da guerra farão uma coletânea de diários e cartas que falem da guerra. Claro que todo mundo lembrou imediatamente do meu diário. Imagine como seria interessante se eu publicasse um romance sobre o Anexo Secreto. Só o título faria as pessoas



acharem que é uma história de detetives (2008, p. 254).

Até a data citada, os textos escritos por Anne Frank pareciam ter a intenção de serem fontes de “conforto e ajuda” numa escrita voltada para si; nessa nova perspectiva, os escritos parecem marcar-se por uma intenção explícita de narrar os horrores da guerra, voltando o olhar para um possível público leitor:

Sério, dez anos depois da guerra as pessoas achariam muito interessante ler sobre como nós vivemos, o que comemos e sobre o que falamos como judeus escondidos. Apesar de eu contar a você muita coisa sobre nossa vida, você ainda sabe muito pouco a nosso respeito. Como as mulheres ficam apavoradas durante os ataques aéreos... Ou quantas epidemias grassam por aqui... Você não sabe nada sobre isso, eu levaria o dia inteiro para descrever tudo até os mínimos detalhes. (FRANK, 2008, p. 254-255)

A partir dessa época, ficamos informados pelo prefácio, que Anne começou a "reescrever e a organizar o diário, melhorando o texto, omitindo passagens que não achava suficientemente interessantes e acrescentando outras de memória, ao mesmo tempo em que continua escrevendo o diário original” (2008, p.5). O comentário acrescentado por Anne em 22 de janeiro de 1944, indica uma releitura dos diários e o teor das possíveis mudanças no texto:

Eu não poderia escrever esse tipo de coisa. Agora que estou relendo meu diário depois de um ano e meio, estou surpresa com minha inocência infantil. No fundo, sei que nunca poderia ser tão inocente de novo, por mais que quisesse. Entendo as mudanças de humor e os comentários sobre Margot, mamãe e papai como se tivesse escrito isso apenas ontem, mas não consigo pensar em escrever tão abertamente sobre outras coisas. Fico tremendamente embaraçada ao ler as páginas que falam de assuntos dos quais me lembro como sendo muito melhores do que realmente foram. Minhas descrições são muito indelicadas. Mas chega disso. (FRANK, 2008, p. 71)

Isso gerou o que foi sendo, posteriormente, denominado *versões a e b* do seu diário. Anne se tornou, na *versão b*, a própria editora de seus escritos e, se antes escrevia abertamente, agora já não conseguia mais pensar nessa possibilidade. Segundo Viana, o fato de o diário "não se destinar à publicação acarreta de início, o gozo de uma liberdade fundamental, da qual o escritor normalmente está privado, qual seja, a de poder ignorar o editor e o público. Livre desse constrangimento, o diário pode usufruir de outras liberdades daí decorrentes" (1995, p.53).

A dúvida de que seus escritos pudessem interessar a alguém já não se justificava mais. Assim, como seu pai, Anne vai, de certo modo, dando aos seus diário uma outra “cara”. Além de modificar o texto, tendo em vista o leitor, ao escrever a *versão b* do seu diário, “Anne

inventou pseudônimos para as pessoas que apareceriam em seu livro. Inicialmente quis chamar a si própria de Anne Aulis e, mais tarde, de Anne Robin” (p.7). Segundo o Prefácio, Otto Frank, na *versão c*, manteve os pseudônimos usados por Anne e optou por chamar os membros de sua família pelos nomes próprios. Com o passar dos anos, a identidade das outras pessoas que ajudaram as famílias do “Anexo Secreto”, assim como os verdadeiros nomes dos moradores do “Anexo Secreto” tornaram-se de conhecimento comum, mantendo-se no anonimato apenas as pessoas que assim o desejaram.

A edição intitulada “Definitiva”, que ora se lê, contém a seleção original de Otto Frank, então suplementada com passagens das *versões a e b*, de Anne Frank e também 30% a mais de material em relação à anterior. Tendo como público alvo o leitor comum, o diário é apresentado da seguinte maneira:

O leitor pode ter em mente que boa parte desta edição se baseia na versão *b* do diário de Anne, que ela escreveu quando estava com cerca de quinze anos. Ocasionalmente, Anne voltava e comentava uma passagem que escrevera antes. Esses comentários são marcados claramente nesta edição. Naturalmente a grafia e os erros de linguagem de Anne foram corrigidos. Afora isso, o texto foi deixado basicamente como ela escreveu, já que qualquer tentativa de mexer e clarear seria inadequada em um documento histórico (FRANK, 2008, p. 8)

Mesmo com todas essas explicações, ao ler o texto, fica difícil identificar onde começa uma versão e onde termina a outra, quais as modificações feitas no texto pela própria Anne Frank ou pelo seu pai e até se foram feitas outras. O que se apresenta em livro é um diário modificado para caber em números de páginas, para se tornar leitura interessante, para omitir aquilo que só se conta na intimidade, para se tornar mais claro, para poder ser lido, para se preservar a autora do diário e as pessoas que são citadas por ela, para estar de acordo com as normas ortográficas, para ser comercializado.

De acordo com Chartier (1996, p. 96), os "procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididos pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto". Além disso, "uma forma de edição para outra direciona transformações no texto e a constituição de um novo público" (CHARTIER, 1994, p. 19).

Sabe-se que a autenticidade do diário fora questionada desde a primeira publicação. Quando Otto Frank morreu, em 1980, e deixou os manuscritos da filha para o Instituto Estatal Holandês para Documentação de Guerra, foi ordenada uma investigação total do material.

Atestada a sua veracidade, houve uma nova publicação do diário intitulada *The Diary of Anne Frank: The Critical Edition* (1989), que contém “não somente as versões a, b, e c, mas também artigos sobre o passado da família Frank, as circunstâncias relativas à sua prisão e deportação e o exame da caligrafia de Anne, do documento e dos materiais usados” (FRANK, 2008, p.6).

Os comentários que trago até este momento não deixam de ser fragmentos de uma história que se foi (re)constituindo na própria história das publicações do diário, e que pode ainda ser modificada quando outros elementos aparecerem. Por exemplo, essa edição “Definitiva” contém algo que parecia improvável de se pensar, indicado como páginas inéditas, como este trecho do prefácio:

Em 1998 veio à luz a existência de cinco páginas anteriormente desconhecidas do diário. Com a permissão da Fundação Anne Frank em Basileia, uma longa passagem datada de 8 de fevereiro de 1944 foi então acrescentada ao fim da anotação já existente naquela data. Uma curta alternativa à anotação de 20 de junho de 1942 não foi incluída aqui porque uma versão mais detalhada deste dia já faz parte do diário. Além disso, devido a descobertas recentes, a anotação de 7 de novembro de 1942 foi movida para 30 de outubro de 1943 (2008, p.7).

Como se pode ver, não há informação detalhada e nem a menor explicação para a descoberta. Pode-se aventar que as versões se multiplicaram tanto que fica duvidoso dizer que diários estamos lendo ou, até mesmo, o que foi escrito por Anne e depois modificado, e se foi modificado de novo, e de novo.

A busca por ampliar o olhar sobre a publicação de diários conduz ao diário de Getúlio Vargas, publicado, em primeira edição, em 1995, pela Editora Siciliano e a Fundação Getúlio Vargas, com edição de Leda Soares. Entende-se o diário como um objeto secreto de cuja existência só se sabe quando há a decisão de torná-lo público, seja pelo próprio diarista, pela família (publicação póstuma) ou por historiadores e pesquisadores. Nesse caso, os “cadernos” de Getúlio vêm a público pelas mãos de sua neta Celina Vargas<sup>3</sup>.

Na apresentação do livro *Getúlio Vargas: diário*, Celina descreve com detalhes a descoberta do material. Segundo ela, a primeira referência que teve sobre a existência dos “cadernos” de Getúlio encontra-se no livro de sua mãe, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, *Getúlio Vargas, meu pai*, publicado em 1960. Nesse livro, sua mãe conta que foi em uma conversa com Osvaldo Aranha que ficou sabendo de um caderninho de notas que seu pai sempre escondia. Depois de esquecer-se dos cadernos até 1945, Alzira decidiu procurá-los.

---

<sup>3</sup> No texto a referenciarei como Celina Vargas, destacando o parentesco, mas para questões de referência o nome completo é CELINA VARGAS DO AMARAL PEIXOTO.

Sem sucesso na busca, interpelou o pai que informou que tinham sido destruídos. De acordo com Celina:

Muitas décadas mais tarde, esta coleção de documentos reapareceu. Junto com minha mãe, examinei os cadernos pretos com textos manuscritos de Getúlio Vargas. Chegamos a trocar idéias sobre o destino a lhes ser conferido. Alzira os leu e os guardou. Após sua morte, ocorrida em 26 de janeiro de 1992, comecei a reunir e identificar livros, fotografias, documentos, diplomas, objetos que pertenceram a Getúlio Vargas e que haviam ficado em poder de minha mãe. Lembrei-me destes cadernos que ela, às vezes, chamava diário. Achei-os e também os guardei. Precisava de algum tempo para superar minhas perdas. Nesta fase, tive a ajuda de amigos que me acompanharam e estimularam a trabalhar na obra: Alzira Alves de Abreu, Celso Lafer e Maria Clara Mariani(1995, p.VII).

Foi assim, que Celina começou a organizar o conjunto de documentos pertencentes a Getúlio Vargas e a sua família, e, paralelamente, a ler o diário. Juntamente com os diários, Celina contou que encontrou um índice, elaborado por sua mãe, analisando nove dos 13 cadernos, o que até suscitou uma possível intenção de publicar no futuro, decisão tomada por Celina, que apresentou em pormenores seus pretextos e propósitos. Eis o trecho transcrito:

Em meados de 1993, passei a trabalhar de forma sistemática nos cadernos e confirmei o que já supunha: ali estava o relato da história de vida de um homem que havia marcado substancialmente o país durante este século. Getúlio Vargas deixara um diário com início em 3 de outubro de 1930, dia da Revolução, encerrando-o em setembro de 1942, quando o Brasil já havia declarado guerra aos países do Eixo. Identifiquei no texto um documento a ser publicado, pela introdução inequívoca, os cuidados de linguagem e, ao mesmo tempo, a liberdade não encontrada em outros registros, além de um desfecho atestando a unidade daquele conjunto. Estou consciente de que sua divulgação integral implica o risco de desagradar a algumas pessoas, chocar ou suscetibilizar outras. Mas também tenho a certeza de que qualquer alteração, supressão ou acréscimo seria objeto de críticas e questionamentos à legitimidade da obra... Tomei esta decisão tendo por base o próprio texto do diário. Li, reli e convenci-me, nas entrelinhas, de que, uma vez que Getúlio não gostava de se explicar, caberia a um público maior interpretá-lo. Conclui que precisa divulgar o seu diário (1995, p.VIII).

Celina, de certa forma, traçou, nessas linhas, a tônica do trabalho de preparação do livro. Após obter o apoio da Fundação Getúlio Vargas, a neta de Getúlio deu início, junto ao CPDOC<sup>4</sup>, a um trabalho que duraria aproximadamente dois anos, e que “partia do princípio de que uma obra desta natureza deveria ter a sua integridade respeitada” (VARGAS, 1995, p. VIII). O material que o grupo de pesquisadores do CPDOC tinha em mãos foi descrito por Regina da Luz Moreira<sup>5</sup> (1996, p.1), que participou do preparo dos manuscritos:

<sup>4</sup> Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

<sup>5</sup> Pesquisadora plena do CPDOC. Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Áreas de pesquisa: História do Brasil; História social; Arquivologia.

Ao longo de pouco mais de 12 anos, entre outubro de 1930 e setembro de 1943, Vargas preocupou-se em registrar os acontecimentos por ele vividos, dos mais significativos aos mais corriqueiros. Nesses escritos – que ocupam 13 cadernos dos mais diferentes tamanhos – podem ser encontrados registros de seu cotidiano, não apenas político, mas também pessoal. Anotações usualmente tomadas já tarde da noite, após o término do expediente no palácio do Catete e os eventuais compromissos de chefe de Estado, em linguagem freqüentemente telegráfica, e que muitas vezes deixam entrever o cansaço ou a tensão do dia, seja pela letra que se amíuça, pelas lacunas ou incorreções, ou ainda por frases que se interrompem.

No volume publicado encontra-se uma descrição detalhada de cada caderno. Para não ficar extensivo e poder termos uma idéia do que nos é dado a conhecer, transcreverei um trecho a respeito da exposição feita sobre os dois primeiros cadernos:

CADERNO 1: caderno pequeno (18,0 x 1,45 x 1,0 cm), de couro marrom, gravado em ouro “1928 – O Rio Grande do Sul em revista – Impressões”. Em bom estado de conservação. Período abrangido: de 3 a 11 de outubro de 1930. Apresenta as motivações de Getúlio Vargas para fazer um registro diário e relata o início do processo revolucionário. Contém ainda um texto sobre dragagem e uma análise justificativa de sua candidatura à Presidência da República. Sem anotações de AVAP<sup>6</sup>.

CADERNO 2: caderno pequeno (15,0 x 11,0 x 1,0 cm), revestido em tecido preto. Em razoável estado de conservação. Período abrangido: de 11 de outubro de 1930 a 3 de fevereiro de 1931. Resumo de AVAP: “Diário de GV – início e fim da Revolução de 30. Primeiras dificuldades do governo e início da crise paulista”. Registra fundamentalmente a viagem de trem empreendida por Getúlio Vargas do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro, informando sobre o desenrolar do movimento revolucionário. Texto de difícil leitura. (VARGAS, 1995, p. XVII - XVIII).

A questão chave que norteou os trabalhos, posta por Moreira (1996) era: como publicá-los? Segundo a pesquisadora, e também como já assinalou Celina (1995), a preocupação era “promover o mínimo de interferência no texto, ou seja, de tornar a publicação mais fiel ao manuscrito deixado por Vargas” (MOREIRA, 1996, p. 1). Esse cuidado sobrevinha, em grande parte, do fato averiguado pelos pesquisadores de que “mundialmente, o texto de um diário não chega a inspirar a mesma confiança e respeito que o de outros documentos [já que] a própria história apresenta casos de diários censurados ou emendados quando de seu preparo para a publicação” (MOREIRA, 1996, p. 2); Segundo Regina Moreira:

No caso do diário é importante que o pesquisador tenha a certeza de estar lendo o que realmente foi escrito pelo diarista, e não um texto reescrito ou “montado”, seja pelo autor, sua família ou editores. E isso, mesmo que os registros apresentem enganos ou silêncios, pois estes teriam sido produzidos pelo autor no momento em que se desenrolavam os acontecimentos por ele

<sup>6</sup> AVAP = Alzira Vargas do Amaral Peixoto.

narrados, representando assim sua visão sobre eles (1996, p.8).

Além disso, pretendia-se, a partir dos manuscritos, publicar um livro que compreendesse um público leitor bastante diversificado, “englobando desde pesquisadores do meio acadêmico a antigos partidários e até mesmo inimigos e desafetos políticos” (MOREIRA, 1996, p.1-2).

Dessa forma, optou-se por não publicá-lo de modo fac-similar. O esforço visava a “articular a coerência de sua narrativa com a representação gráfica constante nos manuscritos, visando-se com isso à sua melhor compreensão pelo leitor comum, o que implicou, por exemplo, na eliminação das repetições desnecessárias” (MOREIRA, 1996, p. 2). Sem esse tipo mínimo de intervenção, acreditava-se que muitas vezes as anotações de Vargas seriam de difícil compreensão.

Por outro lado, conforme afirma Regina Moreira, ao final do trabalho os manuscritos seriam doados ao CPDOC e ficariam à disposição do “pesquisador que se mostrar mais interessado na forma como Vargas fez seus registros, ou àquele que por ventura questione a fidelidade do texto, ou ainda considere plausível a existência de trechos censurados pela família” (1996, p.2).

O volume publicado contém uma longa nota metodológica, que dá visibilidade ao trabalho minucioso de transformar o diário em livro. Aqui não resumirei, pois entendo que os procedimentos descritos são importantes na apreciação do processo. Segue transcrição:

**CONFERÊNCIA DE FIDELIDADE:** inclui etapas distintas a partir de uma primeira versão digitada do original, realizando-se, por duas vezes, o cotejo pormenorizado do texto manuscrito com o transcrito e, a todo o tempo, a recorrência necessária à elucidação da grafia e do conteúdo informativo.

**DATAS:** foram reproduzidas como constam no original, sem correções ou normalização, mantendo-se mesmo os casos de enunciação incompleta, repetição de dias, saltos ou sequencias alteradas.

**ORTOGRAFIA:** foi atualizada, bem como a grafia de topônimos e antropônimos, efetuando-se as correções gramaticais necessárias em erros ou equívocos evidentes. Não foram objeto de notação especial palavras e locuções repetidas inadvertidamente e que foram suprimidas, bem como artigos, pronomes, preposições, conjunções, advérbios inseridos, de modo a não sobrecarregar o texto impresso com realces gráficos excessivos. O mesmo não ocorreu com verbos, substantivos e adjetivos introduzidos para suprir lapsos e/ou omissões, e que foram assinalados entre colchetes, evitando-se acréscimos conjecturais e buscando-se reproduzir vocábulos utilizados pelo autor.

**NORMALIZAÇÃO:** maiúsculas, minúsculas e numerais foram uniformizados. Siglas de nomes de pessoas, instituições, órgãos e partidos foram desdobradas, bem como abreviaturas de vocábulos. As expressões em língua estrangeira foram assinaladas em itálico, adotando-se a forma itálico-redondo para as exceções “*liderança*” e “*sportiva*”. Sublinhados e parênteses são destaques do autor. Colchetes e asteriscos indicam



intervenção da edição.

\* – assinala correções de equívocos, deslizos de atenção e esclarecimento inseridos no pé da página;

[...] – corresponde a lacunas equivalentes a espaços deixados em branco pelo autor com vistas a possíveis acréscimos;

[ ? ] – indica palavra ininteligível ou omissão;

[sic] – informa sobre a reprodução literal de passagens incompletas, imprecisas, de significado dúbio, incorreto ou pouco usual, cujos elementos não foram alterados para não haver quebra grave de sentido.

PONTUAÇÃO: tendo em vista a pontuação irregular dos manuscritos, houve intervenção, quando necessário, mediante adição ou supressão de sinais e parágrafos, de modo a propiciar o imediato entendimento do texto, evitando-se ambigüidades e assegurando-se sua coerência. Manteve-se, todavia, o estilo do autor. Pontos de interrogação, exclamação e reticências são convenções por ele adotadas (VARGAS, 1995, p. XV – XVI)

A edição conta ainda com a elaboração de: *notas de pé de página*, que buscam situar problemas e temáticas relativas às políticas – nacional e internacional; um *índice biográfico*, elaborado com o objetivo de identificar os “personagens” citados por Getúlio Vargas ao longo do diário, e estabelecer vínculos familiares e pessoais; e um *índice temático e intitutivo* construído com o objetivo de “fornecer um panorama esquemático da diversidade de instituições, temas, eventos e partidos políticos relevantes no período, bem como do conjunto de órgãos então criados” (VARGAS, 1995, p. XVII).

O livro apresenta, assim, o texto do diário ortograficamente corrigido, sem repetições, com realces gráficos e minuciosamente explicativo em notas e índices. De acordo com Chartier (1996, p. 96), os “procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididos pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto”. Decorrente dessa trajetória de leituras, as indagações que faço são: com todas essas modificações, ademais de todos os cuidados, não estamos diante de um mesmo diário que é outro? Diante de um mesmo texto que é outro?

Outra questão em aberto: Getúlio Vargas escreveu seu diário para si mesmo e/ou tendo em vista futuros e possíveis leitores? Segundo Celina Vargas (1995, p. X), Getúlio Vargas escreveu para si mesmo, “estabelecendo uma relação de alteridade ao dialogar com o próprio eu”. Ela cita o seguinte trecho do diário de Vargas: “mas tudo isso é comigo e, se escrevo aqui, não falo a ninguém” (11/09/1939). Poderia também ter citado a primeira página de seu diário, datada de 3 de outubro de 1930, na qual escreve: “Lembrei-me que, se anotasse diariamente, com lealdade e sinceridade, os fatos de minha vida como quem escreve apenas para si mesmo, e não para o público, teria aí um largo repositório de fatos a examinar e uma lição contínua da experiência a consultar” (VARGAS, 1995, p. 3). Celina também anota os

cuidados permanentes que Vargas tinha com os cadernos, temendo que, caso fossem descobertos, pudessem ser utilizados para os mais diversos fins. Trecho citado: “Perdi minhas notas e observações, ou antes, o pequeno bloco que as continha e que me acompanhou na viagem a São Lourenço. Tê-lo perdido não é o pior, mas cair nas mãos de pessoas que podem explorá-lo” (1995, p. X).

A pesquisadora Araujo<sup>7</sup> (1996), que também participou da preparação dos manuscritos, discute, em artigo publicado, as justificativas diretas e indiretas que o próprio Vargas usou para elaborar seu diário. Para a autora, tanto o que Vargas nos conta quanto, o que omite e dissimula, merece ser objeto de um inventário. Segundo informa:

Não são poucas as vezes em que fatos que se tornaram referenciais para o futuro foram registrados com superficialidade, sem qualquer explicação mais convincente para quem conhece a posteriori os resultados do curso de certas ações. Do diário não se pode dizer também que contenha novidades que não sejam sustentadas pelas evidências históricas que conhecemos. Apresenta um compromisso com a veracidade dos fatos, embora o grau de atenção que estes merecem difira do que foi convencionado pelos estudiosos que examinaram a obra política e o período de Vargas. Pode-se dizer ainda que é um documento complementar aos demais por ele deixado... O diário não é generoso em explicações pessoais para com os atos políticos do diarista nem é, como no caso de outros famosos, um confidente, um amigo ou uma razão de viver (ARAÚJO, 1996, p.1-2.)

De acordo com o pesquisador Peter Gay<sup>8</sup> (1999, p. 360), que estuda diários da burguesia vitoriana, aqueles poucos dotados de autoconfiança ou empenhados em sua autopromoção, como por exemplo, políticos, generais e artistas, “podiam, por assim dizer, avaliar o que escreviam quando moldavam registros que mais tarde os biógrafos iriam considerar dignos de atenção, e as gerações futuras dignos de admiração”. Não teria sido esse um cuidado de Getúlio Vargas?

Araujo (1996) apura, tomando por base os estudos de Fothergill<sup>9</sup>, que a melhor forma para se entender as razões de cada um para escrever seu diário é “procurar as explicações dadas pelos próprios diaristas. Normalmente, nas primeiras páginas há um espaço reservado a justificativas, mas também o começo de um novo caderno, ou de um novo ano, pode propiciar comentários nesse sentido” (p.6). Por esse caminho, Araujo considera que Getúlio Vargas apresenta seu diário, como já vimos acima, como um repositório de fatos que o “ajudaria a

<sup>7</sup> Doutora e mestre em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ, Maria Celina é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Atualmente, é professora de graduação e pós-graduação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Foi pesquisadora e professora titular do Cpdoc/Fundação Getúlio Vargas - RJ, professora da Universidade Federal Fluminense e professora visitante em algumas universidades do Brasil e do exterior.

<sup>8</sup> Peter Gay é professor emérito de história na Universidade de Yale (EUA). O livro citado é *Coração Desvelado: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*, o quarto volume de um painel sobre a “experiência burguesa”, no qual, o historiador realiza a leitura, entre outros objetos privados, de diários íntimos.

<sup>9</sup> Referência Bibliográfica: FOTHERGILL, Robert. 1974. *Private chronicles: a study of English diaries*. London, Oxford University Press.



repensar atos e estimularia a autoanálise e o aprimoramento” (p.6).

Contudo, em trechos posteriores do diário, Araujo (1996, p. 12) observa uma mudança de tom no texto:

No dia 1º de janeiro de 1936 as razões de Vargas parecem bem diferentes das que assinalou no início do primeiro caderno. Não teriam caráter oficial, não seriam um balanço do governo, nem teriam o objetivo de lembrar coisas passadas e de auxiliar a memória. Assemelha-se agora a uma explicação para o público, justificativas para gerações futuras do que foi seu trabalho e sua rotina no exercício da presidência.

Na apreciação do texto a autora cita o seguinte trecho do diário de Getúlio:

Este caderno não é a descrição do que fiz como governo. Isso se encontra nos documentos oficiais. É uma anotação pessoal, feita no dia seguinte, do que se passou no anterior, ou antes, daquilo que minha memória reteve. Eis por que não se encontrará aqui nenhum balanço dos trabalhos do ano. Não há aqui espaço nem tempo para fazê-lo (14/11/36). (ARAUJO, 1996, p. 12)

Novamente a questão: não seria esta uma explicação tendo em vista futuros e possíveis leitores? O que podemos dizer sobre a “interferência” do leitor/ da leitora na escrita do diário? Nesse caso, refiro-me a quem compila, organiza, interpreta, faz ajustes, torna público o material do diário.

Outras questões investigativas foram sendo articuladas: afinal o que permanece e o que se transforma ou é transformado quando o diário passa a ser livro? De que modo fazer um estudo das transformações por que um diário passa até ser livro pode contribuir para buscar compreender a prática da escrita de diário? Os diários publicados podem ser considerados pistas para buscar compreender práticas da escrita?

Dessas indagações, dos primeiros esboços teóricos, delineiam-se como objetivos da pesquisa:

- Analisar os processos de publicação de diários, as transformações editoriais e a possível presença do leitor na escrita do diário e na sua transformação em livro;
- Buscar compreender a aventura de escrever diários íntimos e secretos que transformados em livro, se tornam públicos.
- Buscar compreender o ato de escrever na relação intensa e vivida pelo sujeito que, escreve diário;
- Levantar dados que indicam a prática da escrita de diários como uma prática de escrita ordinária, ou seja, realizada por pessoas “comuns” e que se opõem aos escritos prestigiados.
- Contribuir para ampliar o olhar sobre as práticas da escrita.

O trabalho de pesquisa aqui delineado é parte integrante do Projeto intitulado *A aventura da escrita: práticas, saberes e cenários* que visa a aprofundar estudos do ato de escrever na perspectiva de sua permanente metamorfose e de metamorfose de quem escreve e/ou lê. Ao delinear este tema, por entre as práticas culturais disseminadas, os saberes, como um dos desafios que move o modo humano de ser, as linguagens, na sua diversidade, nas múltiplas facetas pelas quais nos dão a ver muito da produção humana, e os cenários, como lugar de acontecimentos, marcados por temporalidades indefinidas, mais do que eixos, têm um sentido de entrelaçamento de perspectivas que podem jogar luzes e cores à aventura da escrita; podemos dizer que tais perspectivas têm possibilitado teórica e metodologicamente - iluminar e, ao mesmo tempo, criar espaços para outros modos de olhar e buscar entender o ato de escrever. Ao nos referirmos ao ato de escrever, que não se desvincula do ato de ler, resguardando suas especificidades como aventura, nos posicionamos em uma esfera dos fazeres que se fundam na imaginação, na criação, na invenção. A proposição do projeto ancora-se em grande parte na abordagem da história cultural (CHARTIER, 1990; 1991; 1998; CERTEAU, 1982; 1990), campo de estudos que tem possibilitado alguma visibilidade para as práticas culturais; nos saberes que movem o modo humano de ser que, ao posicioná-los como desafios, alocamo-los nas fronteiras entre o que se realiza também intelectualmente e o que se projeta. A busca de referenciais visando ao aprofundamento de reflexões do ato de escrever, que contempla a relação - intensa e vívida - com o sujeito, com a pessoa que escreve nos aproxima de questões da experiência como referido em estudos de autoria de Jorge Larrosa (1996; 1998; 2002a; 2002b), nos estudos da linguagem (BAKHTIN, 1981; 1986) e nos abriu horizontes muito importantes para darmos forma à visão que tínhamos das artes do fazer.

*DOIS***DIÁRIO PUBLICADO:  
ENTRE SER DIÁRIO FEMININO E SER DIÁRIO MASCULINO –  
CAMINHOS INVESTIGATIVOS**

O diário de Getúlio Vargas foi meu primeiro contato com diários brasileiros publicados em livro. Até essa descoberta, a referência que tinha era de diários de autores estrangeiros, desses que ganham repercussão internacional, como o de Anne Frank, Zlata e Sylvia Plath, entre outros. Isso gerou certo interesse em buscar outros diários, que podiam ser escritos por homens ou mulheres. A intenção era reunir o máximo possível de diários publicados de autores nacionais, por meio de levantamento bibliográfico concernente ao tema, do contato com outros pesquisadores e do acesso a acervos de bibliotecas e sebos. A coleta não tinha por objetivo ser exaustiva, apenas pretendia ter contato com um número significativo de diários publicados e seus contextos de publicação.

A partir do momento em que iniciei o levantamento, descortinou-se um novo horizonte; não só encontrei outros diários publicados por homens como também escritos e publicados por mulheres. Contudo, não foi preciso dar mais do que dois passos para intuir que cada gênero compunha uma história. Uma coisa era um diário escrito e publicado por homem; outra coisa era um diário escrito e publicado por mulher. Um dos caminhos para entender a produção e a publicação desses escritos passa pelo entendimento da sociedade burguesa e do papel que o homem e a mulher ocupam nessa sociedade.

De acordo com a socióloga Maria Ângela D’Incao<sup>10</sup> (1997, p. 223) a sociedade brasileira sofreu durante o século XIX, uma série de transformações que se fundamentaram na “consolidação do capitalismo; o incremento de uma vida urbana; a ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade – burguesa – reorganizadora das vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas”. Segundo Michelle Perrot<sup>11</sup> (1989), o século XIX distinguiu claramente as esferas públicas e privada, que, grosso modo, recobrem exatamente a divisão do sexo – masculino e feminino. O mundo público sobretudo na esfera econômica, política e das letras, é reservado ao homem. As mulheres veem-se totalmente excluídas “de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos

---

<sup>10</sup> Docente colaboradora da UNESP/ Presidente Prudente. Tem experiência na área de Sociologia e de Antropologia, com ênfase no rural, na literatura, na cidade, entre outras

<sup>11</sup> É professora emérita da Universidade Paris, considerada a grande mestra da História das Mulheres.

públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior”<sup>12</sup> (TELLES, 1997, p. 408).

As mulheres se inserem nas cidades, espaços sexuados, apenas como “ornamentos, estritamente disciplinadas... cujo lazer ostentatório tem como função mostrar a fortuna e a condição do marido” (PERROT, 1989, p.10). Comportando-se como verdadeiras atrizes, como atesta Perrot, as mulheres desfilavam nos salões, no teatro ou no passeio público com “máscaras sociais”. Eram-lhes impostos “regras para bem-receber e bem-representar diante das visitas” (ibid, p. 228). E nesses espaços públicos de representação “não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público e a conviver de maneira educada” (ibid, p. 228). Nesse cenário de apresentação, a mulher ganhou uma nova roupagem e novos papéis circunscritos à valorização da intimidade e da maternidade. Segundo D’Incao (p. 223), nas relações da chamada família burguesa “um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível”.

Enquanto isso, na cena privada, definida por Perrot (1989, p. 14) como um lugar de “felicidade imóvel”, cujo “palco é a casa” e os “atores, os membros da família”, a mulher inseria-se como testemunha e cronista da vida “provada”. O diário íntimo aparece como uma das primeiras formas de manifestação escrita da mulher (VIANA, 1995). É o que a escritora brasileira Lygia Fagundes Telles<sup>13</sup> (1997, p.671) chama de “cadernos-goiabada”, um espaço no qual, entre as anotações de receitas e os gastos domésticos, as mulheres vão timidamente registrando testemunhos de estados d’alma, confissões e descobertas, “num estilo intimista – o chamado estilo subjetivo, com suas dúvidas e esperanças espartilhadas como elas mesmas, tentando assumir seus devaneios”. Segundo a historiadora Maria Teresa Cunha<sup>14</sup> (2007), a própria organização da casa burguesa com espaços individualizados, como, por exemplo, um quarto próprio, permitiu e estimulou a escrita do diário, além, é claro, dos progressos da alfabetização feminina registrados nessa época.

Escrever diários íntimos, entre as jovens burguesas do século XIX, foi, durante algum tempo, uma recomendação às moças solteiras pelos confessores e, mais tarde, pelos

---

<sup>12</sup> Norma Telles é historiadora, doutora em ciências sociais, estudiosa das humanidades, escritora e tradutora.

<sup>13</sup> Escritora brasileira. É membro da Academia Paulista de Letras desde 1982, da Academia Brasileira de Letras desde 1985 e da Academia das Ciências de Lisboa desde 1987.

<sup>14</sup> . Doutora em Educação/História e Filosofia. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Cultural e História do Tempo Presente, atuando nas seguintes áreas: História Cultural, História da Leitura e da Cultura Escrita, História da Educação, Memória, Acervos Pessoais, Patrimônio Cultural e Gênero.

pedagogos, como uma forma de controle sobre si (PERROT, 1989). Cunha (2007, p.5) ressalta que a prática de escrita do diário servia não só para prolongar o aprendizado das letras, mas também, para interiorizar “normas sociais” e aprender “um certo domínio sobre si mesma”. Outro motivo pelo qual as jovens dedicavam horas a fio à escritura do diário era preencher “certo vazio existencial que se lhes abria ao final da infância até a idade de casar-se”. Recebendo pouca ou quase nenhuma formação profissional, era difícil aspirar a um trabalho, sobrando-lhes apenas uma opção: resignar-se à espera de um casamento (CUNHA 2007).

Segundo Angela Alonso<sup>15</sup> (2006, p. 201), os diários de mocinhas bem comportadas, com seus versinhos, os incentivos dos parentes e os votos das amigas eram tão públicos e “feitos para a sociabilidade de salão, que chegavam mesmo a ficar à disposição dos visitantes ali por perto do piano”. Por outro lado, como observa o crítico literário Alcântara Silveira<sup>16</sup> (apud, REVERBEL, 1983), dependendo de seu texto, tinham até que ser queimados antes do casamento. Sobre essa questão, Michelle Perrot (1989, p.14) explica que a prática de escrita memorialística deveria respeitar limites implícitos: “o pessoal e o muito íntimo [eram] banidos como indecentes”. Segundo a autora:

Uma certa culpabilidade decorre dessa transgressão... Dessa parte secreta dela mesma, desse pecado que foi gozo, não serão deixados vestígios. Desse modo as mulheres, frequentemente, apagam delas mesmas as marcas que adquiriram dos passos que deram no mundo, como que se deixá-las transparecer fosse uma ofensa à ordem. Esse ato de autodestruição é também uma forma de adesão ao silêncio que a sociedade impõe às mulheres (1989, p.12).

Ademais, a escrita, como bem sabemos, frequentemente era um fruto proibido à mulher. Quem explica a questão, com propriedade, é o historiador Roger Chartier:

Segundo uma tradição na cultura ocidental, a mulher devia saber ler, mas não ter a capacidade de escrever. A leitura é um veículo que impõe uma autoridade. O texto transmite em sua leitura (ao menos é o que pensam os produtores de texto) uma ordem, uma disciplina, uma forma de coação. Pelo contrário, a escrita procura a possibilidade de liberdade ao ser utilizada para comunicação, intercâmbio, possibilidade de escapar da ordem patriarcal, matrimonial ou familiar (2001, p.24).

Daí advêm os “cuidados” com a prática feminina da escrita. O que ela escreve? Atreve-se a dizer quem é? A confidenciar suas travessuras, seus medos, sonhos e segredos?

---

<sup>15</sup> Professora no Departamento de Sociologia da USP, pesquisadora do Cebrap e autora de *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império* (São Paulo:Anpocs/Paz e Terra,2002).

<sup>16</sup> Crítico literário.

Inscreveria nas folhas em branco sua visão de mundo? Ou apenas anota o transcorrer monótono dos dias? Por que ela escreve? A quem se destinam as palavras que escreve?

A visão que se vai construindo dos diários de garota é resumida pelo jornalista Carlos Reverbel (1983), ao apresentar ao público leitor os diários de Cecília de Assis Brasil. Segundo o autor, as moças, via de regra, “se derramavam nas páginas de seus diários, impregnando-as com seus sonhos e devaneios, com seus enlevos e desencantos do coração” (p.6).

Uma outra imagem dessa prática da escrita talvez seja o desenho da capa do diário *Minha vida de Menina*<sup>17</sup>, impresso com os contornos traçados pela ilustradora italiana Nora Rónai<sup>18</sup>.



O desenho apresenta uma escrita “de pernas pro ar”<sup>19</sup>. Nessa escrita, o corpo, em formas e contornos, envolve o objeto do caderno e parece fazer parte do ato de escrever que

<sup>17</sup> Edição de número 4 publicada em 1958, pela editora Livraria José Olympio.

<sup>18</sup> Nora Tausz Rónai, nasceu em 1924 na cidade de Fiume (Itália). Nora veio parar no Rio de Janeiro em 1941, onde se formou como arquiteta e desenhista.



ora se imprime; é como se as “pernas pro ar” ditassem o ritmo da escrita, o traçar de letras molecas e travessas em uma perspectiva que insinua o que não se dá a ver - o texto. O que a autora diz de si mesma? O que ela esconde?

Já a versão masculina dos diários era, quase sempre, considerada mais séria. De acordo com Angela Alonso (p.201),

Desde o século XVIII os diários condensavam as aventuras e observações dos viajantes, naturalistas e, depois, dos primeiros antropólogos, que nunca mais viveram sem ele. O diário foi aos poucos se popularizando como cristalização de narrativas sobre vidas singulares. Entrou em moda junto com as autobiografias e as memórias, pelas quais se aventuraram vários dos ícones oitocentistas, como Chateaubriand, Spencer, Saint-Simon e o ídolo de Nabuco, Ernest Renan.

A esta lista acrescentam-se, também, os diários oitocentistas de Joaquim Nabuco e José Vieira Couto de Magalhães, e os do século XX, de Lúcio Cardoso, Gilberto Freyre, Lima Barreto, Oswald de Andrade, Altino Arantes, Getúlio Vargas, entre outros. São diários de homens de renome entre a intelectualidade nacional.

Incide sobre essa prática masculina a questão de que os diários tenham sido escritos com a intenção de publicar. Por exemplo, o pesquisador Márcio Henrique<sup>20</sup> (2005, p.269), que analisa os diários de Couto Magalhães, acreditava inicialmente que o político escrevia apenas para si mesmo; depois, ao ler o *Diário de um fescenino*, de Rubem Fonseca, passou a duvidar dessa intencionalidade da não publicação. Segundo Henrique (2005, p.296), Rubem Fonseca:

segue dizendo que, depois de considerar seu diário terminado, talvez o rasgasse ou o deixasse na gaveta para que, depois de sua morte, os outros resolvessem o que fazer com ele. E afirma em seguida: “ou então, pode ser que eu o publique”. Citando Virginia Woolf, o autor diz que o bom diarista “é aquele que escreve para si apenas ou para uma posteridade tão distante que pode sem risco ouvir qualquer segredo e corretamente avaliar o motivo. Para esse público não há necessidade de afetação ou restrição”.

Segundo Fonseca (apud, HENRIQUE, 2005, p. 296), “os autores de diários, qualquer que seja a sua natureza, íntima ou anedótica, sempre escrevem para serem lidos mesmo quando fingem que ele é secreto”. De acordo com Henrique (2005), a publicação dos diários de Couto Magalhães vai ao encontro de sua ambição de não ser esquecido pela posteridade, muito semelhante à do próprio Getúlio Vargas.

---

<sup>19</sup> Essa capa disparou uma reflexão desenvolvida no texto intitulado – *Diário publicado: a (história) da escrita de “pernas pro ar”* – apresentado no IV CIPA (2010) e publicado nos anais do congresso.

<sup>20</sup> Doutorou-se em Ciências Sociais (2008) pela Universidade Federal do Pará, onde atualmente é professor da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia. Tem experiência nas áreas de História e Antropologia.

De acordo com a pesquisadora Elzira Divina Perpétua<sup>21</sup> (1997, p.169), a escrita de si no Brasil, publicada sob a forma de diário, se estrutura até meados do século XX, na tentativa de “representação de um sujeito pleno, aquele forjado pelo modelo ocidental: homem, branco, burguês”. Essa escrita serve tradicionalmente para “dar a conhecer os grandes feitos, para representar o eu, resgatar o passado, fixar uma imagem, isto é, tornar pública a imagem heróica que o protagonista tem de si”. Um modelo que por si só exclui a mulher.

A escritora e crítica literária Virginia Woolf (1995, p. 43) comenta, em 1928, que durante séculos:

As mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural. Sem esse poder, a Terra provavelmente ainda seria pântano e selva. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. Estaríamos ainda rabiscando os contornos de cervos em restos de ossos de carneiro e trocando lascas de sílex por peles de carneiro ou outro qualquer ornamento singelo que agradasse a nosso gosto não sofisticado. Super-Homens e Dedos do Destino jamais teriam existido. O czar e o cáiser nunca teriam portado ou perdido coroas. Qualquer que seja seu emprego nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais a toda ação violenta e heróica. Eis por que tanto Napoleão quanto Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engrandecer-se.

Trocando em miúdos: ser famoso, ser heróico, era título destinado ao homem; historicamente, ao que parece, não cabe à mulher sê-lo. Isso não impediu a história de ter suas heroínas em diferentes épocas, é claro. Contudo, a sociedade atribui à mulher o papel apenas de quem *deve* refletir esse status. Havia, segundo a autora,

Uma enorme maioria de opiniões masculinas no sentido de que nada se poderia esperar das mulheres intelectualmente. Mesmo que seu pai não lhe lesse em voz alta essas opiniões, qualquer moça poderia lê-las por si mesma; e a leitura mesmo no século XIX, deve ter-lhes reduzido a vitalidade e influído profundamente em seu trabalho. Haveria sempre aquela afirmativa – você não pode fazer isto, você é incapaz de fazer aquilo – contra a qual protestar e a ser superada (WOOLF, 1995, p. 67- 68).

As últimas palavras de Woolf nos levam a pensar que a mulher transita por uma linha muito tênue entre internalizar a inferioridade que a sociedade forjou para ela, submetendo-a a representar um papel imposto e a buscar sua emancipação, a lutar pela igualdade de direitos entre homens e mulheres e a reivindicar uma “história que estabelecesse heroínas” (SCOTT, 1992).

---

<sup>21</sup> Professora titular e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria da Literatura, Literatura Comparada, e Literaturas de Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: escritas autobiográficas, Carolina de Jesus, manuscrito, revisão e editoração, leitura, literatura e ensino.



A questão toda, segundo Oliveira<sup>22</sup> (2002, p.51), era que o poder de decidir sobre a forma de publicação era masculino, o que, segundo a autora, foi uma das forças mais importantes que fizeram silenciar a voz das mulheres diaristas, pois “cabia aos homens a última palavra sobre o que seria publicado. Nesse sentido, as produções femininas eram desvalorizadas quando da adoção dos critérios de publicação, especialmente no que diz respeito ao conteúdo dos escritos de mulheres”.

No Brasil, a escrita feminina começa a ser visível e a ganhar status de profissionalização apenas no século XX. Ainda assim, para as mulheres da República, “o sonho de publicar um livro era um projeto distante”, como afirma a pesquisadora Maria de Lourdes Eleutério<sup>23</sup> (2005 p.18): “as instâncias de consagração e de glória constituem a meta quase que inatingível para muitas delas” (p.21). Essas dificuldades se sustentam na inferioridade intelectual que a sociedade patriarcal forjou para a mulher. A cultura burguesa, afirma Telles:

se fundava em binarismos e oposições tais como natureza/cultura, pai/mãe, homem/mulher, superior/inferior, que relacionam em última instância a mulher com o outro, a terra, a natureza, o inferior a ser dominado ou guiado pela razão superior e cultura masculina” (1997, p. 403).

Eleutério (2005, p. 71) esclarece que no sistema cultural em formação do Brasil, “o trabalho intelectual da mulher soa estranho ao mundo masculino das letras”; a ação transformadora dela abrangia um campo muito maior que aquele que “o ideário republicano lhe reservava” (2005, p. 18), ou seja, o papel primordial de mãe e esposa alargado pelo espaço legitimado de atuação na carreira de professora.

Ao ir à escola, ser instruída, formar-se e até começar a ganhar a vida como professora, a mulher, esclarece Eleutério (2005), passa a ler revistas e jornais e passa também a escrever e aspirar a ser escritora. Elas passam, assim, de uma “escrita circunscrita, de fundo da gaveta, para a escrita partilhada com amigas ou as pessoas mais íntimas. Depois, fazem pequenos jornais manuscritos, alçam voos mais altos ao apresentar, nas reuniões sociais, algo de autoria própria e, finalmente, publicam” (2005, p. 25).

---

<sup>22</sup> Rosa Meire Carvalho de Oliveira, jornalista profissional, mestra em comunicação, doutoranda em Educação pela Faced/UFBA.

<sup>23</sup> Professora da Universidade Anhembi Morumbi e Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP). Tem experiência na área de História e Sociologia com ênfase em Cultura e Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura, Oswald de Andrade, Modernismo brasileiro, Coleccionismo, Gênero, Imprensa.

A “ousadia” das mulheres, contudo, parece ir muito além do fato de publicar já que seus textos não se circunscrevem apenas às preocupações com a criança e a família. De acordo com Eleutério:

Escrever para elas constitui-se numa espécie de ensaio de identidade e autonomia. Ao produzir um texto, a mulher de então não está interessada apenas em expressar um saber ou em dar expansão aos seus anseios, mas sim em ver-se confirmada como sujeito legítimo do fazer literário, capaz de dar conta e de propor uma reflexão de si mesma e da sociedade que até então só se reconhecia através do foco da interpretação masculina (2005, p. 19).

Sim, as mulheres aventuraram-se na carreira das letras. Em prosa e verso tomaram, como tema de sua pena, assuntos polêmicos e controversos como o amor, o adultério, o divórcio, o erotismo, o voto, o feminismo e o trabalho. Tamanho arrojo e audácia dar-se-ão sob formas de privação, muitas vezes velada, de poderem publicar ou produzir mais e melhor, o que ocorreu, segundo Eleutério, “como parte da estratégia de legitimação do poder intelectual, isto é, da hegemonia econômica e política que se estendia ao campo das letras” (p. 26).

Não é de se estranhar que a crítica literária, reduto masculino por excelência, se processe nos *limites* do papel que a mulher deveria desempenhar na sociedade burguesa. Valendo-se de tantos subterfúgios quantos possíveis, os homens de letras buscam formas de deslegitimação e descaracterização do texto feminino, marginalizando a produção das mulheres. Quando a obra é boa o bastante, ou razoável, isto é, semelhante à que um homem faria, uma tática da crítica é argumentar que a mulher escreve com uma “índole máscula” ou “varonilidade” (ELEUTÉRIO, 2005), ou seja, expropria-se de seu trabalho sua própria condição de mulher, como se dissesse que o que é bom *tem* que ser masculino. O mais interessante ocorre quando a obra de uma mulher sobrepuja o cânone literário. Nesse momento, a crítica literária abre espaço para dúvidas recorrentes sobre a verdadeira autoria do texto.

O caso de Raquel de Queiroz (1910-2003), já na década de 30, é bastante ilustrativo. A escritora estreou, em livro, no ano de 1930, com o romance “O quinze”. A pesquisadora Constância Lima Duarte<sup>24</sup> (2003, p. 164) esclarece que a obra provocou um fragor tão grande

---

<sup>24</sup> Constância Lima Duarte é Doutora em Literatura Brasileira pela USP, professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, e pesquisadora do CNPq. Dentre os livros publicados sobre o tema mulher e literatura estão *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de Nísia Floresta Brasileira Augusta. (São Paulo, Cortez, 1989); *Nísia Floresta, vida e obra* (Natal, UFRN, 1995); *Cintilações de uma alma brasileira, de Nísia Floresta*. (Introdução e notas. Florianópolis, Mulheres, 1997); e a Coleção Mulher & Literatura, composta de seis volumes (co-autoria; Belo Horizonte, UFMG, 2002).

nos meios literários que houve “até quem duvidasse de sua identidade, como confessou o escritor Graciliano Ramos”. Segue o trecho transcrito por Duarte (2003, p.164) do livro “Linhas tortas”, publicado em 1980, por Graciliano Ramos:

*O quinze* caiu de repente ali por meados de 1930 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: Não há ninguém com esse nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. Depois, conheci *João Miguel* e conheci Raquel de Queirós, mas ficou-me durante muito tempo a idéia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever *João Miguel* e *O quinze* não me parecia natural.

Para Eleutério, histórias como essa desnudam o que se passava com uma mulher que aspirasse a participar da “República das Letras”: “primeiro, a dificuldade em ver-se admitida como escritora, e depois a incerteza de que se reconhecesse a qualidade do que ela escrevia” (p.95). Continuando, Eleutério afirma que o “longo percurso enfrentado pelas mulheres para que fossem reconhecidas como autoras de seus textos ainda era incerto no início da década de 30” (p.71).

Mesmo em um cenário tão contraditório, a pesquisadora Maria José Motta Viana<sup>25</sup> aponta a revolução literária que marcou o Brasil após 1922, na qual algumas mulheres escritoras tornaram-se nacionalmente conhecidas (Cecília Meireles, Carolina Nabuco, Raquel de Queiroz), como um dos fatores que possibilitaram a abertura das portas editoriais a outras escritoras e a outras mulheres. Contudo, é a partir da década de 60 que se registra a publicação dos primeiros diários de mulheres. Trata-se, como bem apresenta Nora Catelli<sup>26</sup>, de uma dupla marginalidade muito atraente. Segundo a autora, “el diario íntimo de mujer sería, sin duda, el lugar de escritura más cercano a la verdad existencial de lo *diferente*” (2007, p.45). Agora, não se trata mais de uma escrita que busca registrar “o grande homem, isto é, o homem público, o herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos” (GOMES, 2004, p.13).

É por essa escrita marginalizada, solitária, guardada, escondida, silenciada por tantos anos, arriscada, íntima, feita por obrigação, ou confeccionada por prazer, aconselhada por

<sup>25</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002). Atualmente é Professora adjunto III da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, professora horista do Centro Universitário UNA, professor titular da Faculdade Minas Gerais e Professor adjunto da Fead Minas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira. É autora de um dos principais livros sobre a escrita memorialística: *Do sótão à vitrine, memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995

<sup>26</sup> É escritora crítica literária, ensaísta e professora de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidad de Barcelona, Espanha.

confessores e familiares como uma forma de controle ou distração, e/ou por pedagogos para aprimoramento do ato de escrever, praticada para passar o tempo à espera de um casamento, para se conhecer a si mesma, para se inventar/contar no papel, para dizer (ou dizer a si mesma) quem é ou esconder quem é, embrulhada, desembulhada, que meu interesse se volta, ao pensar em um estudo das práticas da escrita de diários, no âmbito das práticas sociais disseminadas.

Organizado o interesse pelo tema – escritos femininos – focando a busca por diários secretos e publicados de autoras brasileiras, um levantamento desse material foi o passo seguinte.

Essa busca pelos diários femininos publicados foi parte constitutiva do levantamento bibliográfico. A questão não era só saber quem já se dedicou ao tema de pesquisa escolhido e ao trabalho com diários e de que forma (CUNHA, 2009), mas quais os diários femininos que vêm sendo objeto de estudo e quais os referenciais teóricos que vêm dando embasamento às pesquisas. Um estudo detalhado das referências bibliográficas de livros e artigos<sup>27</sup> me levou a ter contato com outros livros e artigos em uma *rede* de referências. Assim cheguei a um ponto de partida que tem sido o ponto de partida de outros pesquisadores e pesquisadoras: a pesquisa pioneira realizada por Maria José Motta Viana (1995). Viana se propôs, em um projeto “pretensioso” e “absurdo”, como ela própria define, a esgotar todas as escritas memorialísticas femininas já publicadas no Brasil entre os anos de 1893 e 1990. Do conjunto de 81 títulos mapeados por Maria José, 10 eram diários, entre os quais 3 foram categorizados como “falsos diários”, ou seja, obras que se intitulam diários, como explica a pesquisadora, mas que não se adequam às caracterizações dos diários<sup>28</sup>; é o caso citado de *Diário de Bitita* (1986), de Carolina de Jesus, uma autobiografia póstuma; *Diário de uma atriz* (1979), de Wanda Marchetti, pseudônimo utilizado por Ester Marchetti, um livro de memória baseado em um diário de infância e com pequenas biografias de autores, e *Ai de vós! Diário de uma doméstica* (1983), de Francisca Souza da Silva, um livro de memória escrito aos quarenta anos de idade, com o apoio da patroa.

---

<sup>27</sup> A busca pelos livros e artigos foi realizada nas bases de dados de Teses e Dissertações da UNESP, UNICAMP e USP; e também na base de dados do Google e do Google Acadêmico, utilizando como palavras-chaves: diários, diários íntimos, diários famosos, diários publicados, diários femininos, escrita feminina.

<sup>28</sup> Segundo a autora “a marca inequívoca de um diário é a sua prisão e fidelidade ao calendário, característica primacial a distingui-lo das outras formas memorialísticas” (VIANA, 1995, p. 52).

Posteriormente, tive acesso à pesquisa realizada por Lilian Lacerda<sup>29</sup> (2003) que contribuiu significativamente para a ampliação do "corpus". A tese de Lacerda, *Álbum de leitura: memórias de vida, história de leitoras*, teve como ponto de partida exatamente o levantamento realizado por Maria José Viana e, apesar de não ser o objetivo da pesquisadora garimpar outros títulos, acabou por identificar e ter acesso a outras obras, totalizando 90 títulos catalogados, dos quais 12 eram diários. A pesquisa apresenta os dados de mais 6 "novas" (para mim) diaristas.

O contato com esses trabalhos possibilitou organizar uma lista com referências a 13 diários publicados e 11 diaristas, à qual acrescento, como contribuição nesse esforço de mapeamento, *O diário de Bernardina* (2009), totalizando 14 diários e 12 diaristas catalogados até o momento em que escrevo este texto e tendo por base as pesquisas citadas<sup>30</sup>.

Como as publicações datam da década de 60, 70 e 80, ou seja, de 50, 40 e 30 anos atrás e a maioria não foi reeditada, as fontes de pesquisa em potencial foram os acervos das bibliotecas públicas e, em particular, os acervos dos sebos, inesgotáveis na medida em que seus catálogos estão em constante renovação. É justamente pelas prateleiras dos sebos que passa a maior parte de minha busca pelo material editado.

As prateleiras dos sebos conservam cuidadosamente a história dos diários publicados ao preservar materialmente as edições mais antigas e também as mais recentes. É possível encontrar, senão todas, quase todas as edições publicadas de um mesmo diário, inclusive a primeira edição, muitas vezes cobiçada por historiadores, pesquisadores, colecionadores ou mesmo pelo leitor comum; além de exemplares autografados e dedicados, há um leitor em especial. É um vasto acervo que se multiplica em editoras, edições, coleções, capas e apresentações.

A tabela a seguir apresenta um balanço dos diários femininos de autoras brasileiras, publicados no Brasil, que foram buscados, listados, adquiridos, manuseados, estudados e mapeados por período de escritura e ano de publicação:

---

<sup>29</sup>Possui Pos-Doutoramento pelo Centre de Histoire Culturelle et Sociétés Contemporaines pela Universidade de Versailles (UVSWY-França-2001) e Doutorado pela Pos-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFGM-Brasil-1999). Atualmente reside no exterior.

<sup>30</sup>A busca pelos diários não foi uma tarefa tranquila; descobri, com o tempo, que a maioria das obras foram publicadas na década de 60, 70 e 80 e não possuem reedições atuais. Os catálogos de livrarias, assim, são pouco úteis. Outro problema é que nem todos os diários publicados trazem no título a palavra *diário* e por outro lado, aqueles que se intitulam diário nem sempre o são, conforme atesta Viana (1995). Acredito que pode haver muitos outros diários que não estou contemplando neste trabalho, devido aos motivos citados acima e ao próprio tempo de realização da pesquisa.

**DIÁRIOS FEMININOS PUBLICADOS NO BRASIL: um primeiro mapeamento**

<b>Autora</b>	<b>Título da obra</b>	<b>Nascimento Falecimento</b>	<b>Período de escritura do diário</b>	<b>Ano de publicação</b>
Helena Morley	<i>Minha vida de Menina</i>	1880 – 1970	1893 – 1895	RJ: José Olympio, 1942
Carolina Maria de Jesus	<i>Quarto de despejo: diário de uma favelada</i> <i>Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada</i>	1914 – 1977	1955 – 1960 1960 – 1961	SP: Francisco Alves, 1960 SP: Francisco Alves, 1961
Maura Lopes Cançado	<i>Hospício é Deus</i>	1930 – 1997	1959 – 1960	José Álvaro, 1965
Ruth Bueno	<i>Diário das máscaras</i> <i>Em psicanálise</i>	1925 – 1985	1963 – 1964 1966 – 1982	RJ: Tempo Brasileiro, 1966 RJ: Tempo Brasileiro, 1983
Maria Helena Cardoso	<i>Vida-vida:memória</i>	1903 – 1994	Sem datas	RJ: José Olympio, 1973
Rachel Jardim	<i>Vazio pleno:relatório do cotidiano</i>	1926 -	Sem datas	1975
Cecília Assis Brasil	<i>Diário de Cecília Assis Brasil</i>	1899 – 1934	1916 – 1932	RS: L&PM 1983
Marcia Moura – pseudônimo de Maria Cristina Nogueira	<i>Por debaixo da toga</i>	1953 -	1983 – 1984	RJ: Linolivro, 1984
Maria Julieta Drummond de Andrade	<i>Diário de uma garota</i>	1928 – 1987	Verão de 1941 – 1942	RJ: Record, 1985
Dina Sfat	<i>Palmas pra que te quero</i>	1938 – 1989	1982 – 1988	RJ: Nórdica, 1988
Odete Lara	<i>Minha jornada interior</i>	1929 -	1961 – 1979	SP: Best Seller, 1990
Bernardina Botelho Magalhães	<i>O diário de Bernardina</i>	1873 – 1928	agos. 1889 nov. 1889	RJ: Zahar, 2009

É um acervo por demais instigante. Todos os 14 diários foram publicados no século XX, a partir da década de 60, com apenas uma exceção – *Minha vida de menina*, 1942. Desses, 2 foram escritos no final do século XIX e levaram um longo tempo para vir a público – *Minha Vida de Menina*, escrito [1893 – 1895] publicado [1942 ]; *O diário de Bernardina*, escrito entre agosto de 1889 – novembro de 1889 e publicado em 2009. Ao todo são 4 diários de meninas e 10 diários escritos por mulheres. As autoras são: Helena Morley, Cecília de Assis Brasil, Bernardina, Maria Julieta Drummond de Andrade, Carolina de Jesus, Maura Lopes Cançado, Ruth Bueno, Rachel Jardim, Márcia Moura, Maria Helena Cardoso, Odete Lara, Dina Sfat. Duas diaristas escreveram e publicaram dois diários cada – Carolina de Jesus e Ruth Bueno. Dos diários de meninas, 2 são publicações póstumas e 2 foram publicados facilmente pelas autoras, já em idade avançada – Helena Morley, 60 anos e Maria Julieta Drummond de Andrade, 57 anos. Os diários póstumos são publicações históricas de duas personagens coadjuvantes na história política do Brasil: Cecilia Assis Brasil, filha de Joaquim Francisco de Assis Brasil, e Bernardina Botelho, filha de Benjamim Constant. Os diários de mulheres foram publicados pelas próprias diaristas, muito próximos do período em que foram

escritos. São diários de advogadas, juíza, funcionárias públicas, escritoras, atrizes e favelada. Mulheres famosas, mulheres que se tornaram famosas, mulheres polêmicas.

Cada livro guarda em si muitas histórias: histórias da vida da autora, do que ela diz sobre si mesma, do que ela conta sobre a escrita do diário, do que conta sobre essa escrita, da opção pela publicação, dessa trajetória do privado para o público, dos leitores e seus interesses por este tipo de escrita, das nuances de um processo editorial.

Apresento, no próximo capítulo, algumas histórias que arqueei...



## TRÊS

### DOS “CADERNOS ÍNTIMOS” AOS DIÁRIOS PUBLICADOS: HISTÓRIAS ARQUIVADAS

Apresento aqui um estudo amostral que fiz dos quatro primeiros diários publicados no Brasil, perfazendo um caminho não muito linear na cronologia quando se trata das escritoras que publicaram mais de um diário. Este estudo compreende: a ficha catalográfica estendida da/s edição/ões consultada/s, a vida e obra das autoras, os propósitos da publicação, o processo de edição e a recepção da obra pela crítica e pelo leitor. Há, ainda, informações sobre edições e traduções<sup>31</sup>. O objetivo é ampliar o olhar sobre o processo de transformação do diário em livro, buscando as histórias que estão por *trás* dos processos de edição – histórias pouco contadas, meio que escondidas. Trata-se de algumas questões, tais como: quem escreve e publica o seu diário escreve com a intenção de publicar ou essa é uma decisão posterior? Em um ou outro caso, por que publica? Quando escreve e quando publica?

#### Minha Vida de Menina – Helena Morley



*Minha vida de menina: cadernos de uma menina  
provinciana nos fins do século XIX*

Ano da publicação: 1958

5ª edição

Editora: Livraria José Olympio Editora

Local da publicação: Rio de Janeiro

Nota à 1ª edição: Helena Morley – Rio, setembro 1942

Desenho da capa: Nora Tausz Rónai

<sup>31</sup> Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo, *Livro, escrita e leitura: faces de uma história*, trabalho publicado no congresso IBERO. Nesse trabalho, a pesquisadora particulariza o enfoque no objeto-livro, como parte imprescindível na reconstrução, nas várias formas que uma determinada obra toma ao longo das suas edições.





*Minha vida de menina: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX*

Ano da publicação: 1988

16ª edição

Editora: Livraria José Olympio Editora

Local da publicação: Rio de Janeiro

Nota à 1ª edição: Helena Morley – Rio, setembro, 1942

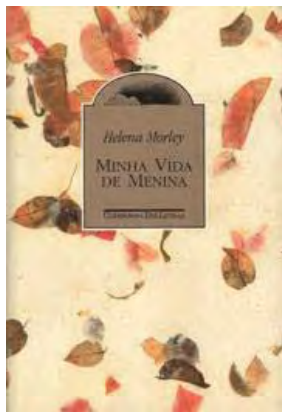
Prefácio: Alexandre Eulálio intitulado: “Livro que nasceu clássico” Diamantina, novembro 1959

Dados biográficos da autora

Capa: Marie Louise Nery

Frontispício: Tomás Santa Rosa

Edição consultada reencadernada com capa dura (preta) sem a capa original. A figura é o frontispício da edição.



*Minha vida de menina: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX*

Ano da publicação: 1999

5ª reimpressão

Editora: Companhia das Letras

Local da publicação: São Paulo

Apresentação editorial

Prefácio: Alexandre Eulálio intitulado: “Livro que nasceu clássico” – Diamantina, novembro 1959

Nota à 1ª edição: Helena Morley – Rio, setembro 1942

Em 1942, a famosa Livraria José Olympio publicava, pelas informações levantadas até o momento, o primeiro diário feminino de escritora nacional no Brasil. Tratava-se, segundo o crítico literário Alexandre Eulálio (1993, p.35), de “um volume gordote de capa azul e tijolo, cujo título vago, *Minha Vida de Menina*, e autora desconhecida, Helena Morley, pareciam destinados à mais completa indiferença do leitor... era tempo de guerra, [e] estavam em moda flamantes biografias de heróis e homens célebres”.

A primeira edição do diário teve uma tiragem pequena, destinada a familiares e amigos. A senhora Alice Brant, que se esconde na publicação de seus cadernos, pelo nome da menina Helena Morley, começou a escrever seu diário aos 13 anos de idade (1893), aconselhada por seu pai, e continuou com o hábito até a idade adulta<sup>32</sup>. Porém, seus cadernos publicados vão apenas até a terça-feira do dia 31 de dezembro de 1895; as possíveis páginas

<sup>32</sup>Informação retirada do jornal Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 1958. Título da reportagem: Sucesso nos Estados Unidos: a infância de Helena Morley.

que seguem ao diário nunca se tornaram públicas. Conta a escritora que resolveu publicar o livro ao reler suas anotações de menina:

Esses escritos, que enchem muitos cadernos e folhas avulsas, andaram anos e anos guardados, esquecidos. Ultimamente pus-me a revê-los e ordená-los para os meus, principalmente para minhas netas. Nasceu daí a idéia, com que me conformei, de um livro que mostrasse às meninas de hoje a diferença entre a vida atual e a existência simples que levávamos naquela época (MORLEY, 1958, p.0).

Sem grandes pretensões literárias, a diarista manifestava uma preocupação com o público leitor, sobretudo quando escreve: “Não sei se poderá interessar ao leitor de hoje a vida corrente de uma cidade do interior, no fim do século passado, através das impressões de uma menina, de uma cidade sem luz elétrica, água canalizada, telefone, nem mesmo padaria...” (MORLEY, 1958).

Mais tarde, em uma entrevista ao jornal *Tribuna da Imprensa* (Rio de Janeiro, 1958), esclarecia que jamais tivera a intenção, ao escrever seu diário, de um dia vir a publicá-lo e que somente o fez persuadida pela família. Para tal, continuava, teve ajuda de seu marido que selecionou o material, deixando de lado “muitos acontecimentos que desagradariam a toda cidade de Diamantina”. Helena Morley também explicou que acreditava que, depois da publicação da primeira edição no Brasil, tudo estaria acabado.

Contudo, em pouco tempo, o diário conquistou público e crítica. Alexandre Eulálio atribui o sucesso à identificação dos leitores com a personagem. Anota Eulálio (1993, p. 35):

Quando um público esquivo como o brasileiro adota volume alheio a qualquer sensacionalismo, de alguma forma se identificou com ele e nele se reconheceu. Os apontamentos da mocinha mineira possuíam de fato insofismável ar de família. Um ar tanto mais difícil de resistir porque aliado a certa petulância pouco conformista, que os tornava ainda mais provocantes. E os leitores, deliciados, foram-se renovando através do tempo, de pai a filho e neto.

Quando o diário foi reeditado em 1958, pela quarta e quinta vez no Brasil, a mídia jornalística começou a divulgar a identidade da autora. A seguir, trechos de reportagens da época:

- ✓ *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 06 de Janeiro de 1958: “Helena Morley é, todavia um pseudônimo. O nome verdadeiro da autora é Alice Caldeira Brant. O sobrenome escolhido justifica-se pelo fato de ser o de sua avó inglesa e Helena foi uma escolha do senhor Mário Brant, primo e marido da escritora”.
- ✓ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 de julho de 1958 – José Condé: “Helena Morley (pseudônimo, como se sabe da senhora Alice Brant, de tradicional família mineira)”.

- ✓ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 de julho de 1958 – Fernando Sabino: “Helena Morley, pseudônimo sob o qual modestamente se oculta ilustre dama mineira, publicou em 1942 esses seus Cadernos de Uma Menina Província nos Fins do Século XIX”.
- ✓ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1958 – Rubem Braga:

Falando de *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley. É o diário verdadeiro de uma menina de Diamantina, no fim do século passado. A autora, que na verdade é a senhora Alice Brant, ordenou os cadernos em que fazia suas composições, na infância, para mostrá-los a suas netas, e daí veio à idéia do livro.

Entre as críticas mais aclamadas está a feita pelo escritor francês Georges Bernamos – “um dos primeiros e mais percucientes leitor desses cadernos” (EULÁLIO, 1993, p. 37). O escritor francês, exilado no Brasil, comentou em conversa particular com Gustavo Capanema, seu apreço pelo livro. Suas palavras foram registradas, por Capanema, em carta dirigida à filha de Alice, Ignez. Segue carta digitalizada<sup>33</sup>:

---

<sup>33</sup> Carta gentilmente fornecida por Vera Brant, amiga íntima de Helena Morley, após contato feito por mim, por e-mail. Além da carta, Vera também forneceu cópia xerocada de jornais da década de 50 e 60.



Rio de Janeiro, 22 de maio de 1945

Minha cara Iñez,

Peço-lhe que dê a sua Mãe uma informação.

Ontem aqui estive para se despedir Georges Bernanos, que, varrido pelo nazismo, morou quase sete anos no Brasil e agora volta para a França.

Conversamos muita coisa: o pós-guerra, o nosso povo, de Gaulle, Euclides da Cuna, pintura, André Gide... Tendo eu dito que Gide é muito lido entre nós, principalmente o jornal, Bernanos, numa súbita associação de idéias, disse que um dos livros que já o feriram é o de Helena Morley. Falou com veemência. Guardo algumas ~~palavras~~ : c'est une ~~œuvre~~ oeuvre géniale... un livre unique, impossible à traduire... c'est un miracle, comme le miracle de Rimbaud...'

Falei essas coisas ao Abgar. Mas talvez não tenha dito tudo. Depois, você é que é filha.

Tenho ~~ouvido~~ ouvido muito elogio ao livro de sua mãe. Nada me parece tão forte como as palavras de Bernanos.

Certamente elas ~~vão~~ não de agradar ao seu coração.

Receba as cordiais expressões de amizade do seu  
velho

Capanema

Logo em seguida, Alice Brant trocou correspondência com o grande escritor francês, inclusive enviando-lhe um exemplar de seu diário. A carta-resposta de Bernanos torna-se pública em 1960, no Jornal do Brasil, que trazia uma reportagem sobre a publicação da tradução francesa de *Minha Vida de Menina*. Alguns trechos publicados da carta datada de 1945:

Fiquei muito sensibilizado pela atenção que a senhora teve em mandar-me o seu livro, mas creio que a senhora sabe o quanto eu admiro e gosto dele. A senhora escreveu um desses livros tão raros em todas as literaturas que não devem nada à experiência, ao talento, mas tudo ao ingenium, ao gênio, pois é preciso não ter medo dessa palavra, cujo sentido é tantas vezes deturpado – ao gênio tomado na sua fonte mesma ao gênio da adolescência. Estas recordações de uma meninazinha de Minas Gerais colocam o mesmo problema dos fulgurantes poemas de Rimbaud... É provável que a senhora mesma ignore o valor do que deu com o seu livro. Eu o sinto tão profundamente... a senhora nos fez amar e ver tudo aquilo que viu e amou naquele tempo. Cada vez que eu fecho o livro, me convenço um pouco mais de que o segredo dele escapará sempre. (MEIRA, 1960).

Interessante anotar o comentário de João Etienne Filho nas páginas de “O Diário” sobre o escritor francês, Bernamos:

O genial romancista francês não era muito de elogios. Lembram-me muito bem as verdadeiras vociferações que ele fazia aos maiores de França, quando lhe pedíamos a opinião, aqui na redação de O DIÁRIO, ou na “Elite”, onde escrevia a lápis num caderno de grupo escolar, ou no saguão do Palace Hotel, onde se apoiava em sua bengala, desarrumava a basta cabeleira cor de cinza e fazia faiscar os olhos azuis... Não tinha papas na língua. Era avaro no elogio. Pois não teve meias medidas para elogiar o livro da Helena Morley. É uma consagração.

O escritor Fernando Sabino chegou a atribuir o sucesso mesmo do livro *Minha Vida de Menina* às críticas entusiasmadas de Bernamos. Veja artigo de sua autoria publicado no Jornal do Brasil, em julho de 1958:

Sua autora sempre viveu à margem das atividades literárias em nosso país, embora este livro seja um de seus momentos mais felizes. Não fosse o entusiasmo com que o receberam uns poucos escritores de sensibilidade mais apurada, por ocasião de seu lançamento, e o grito transbordante de entusiasmo com que o saudava Bernamos, então vivendo entre nós, a considerá-lo obra de gênio, e talvez não tivesse sobrevivido à onda de sucessos transitórios que de vez em quando afoga nosso mercado editorial.

O jornal a Gazeta de São Paulo, de 1º de agosto de 1958, registra *Minha Vida de Menina* entre “os mais famosos diários jamais escritos em quaisquer idiomas” e em linhas adiante “um dos grandes êxitos brasileiros da literatura de memórias”. Foram 18 edições publicadas, ao longo de mais de meio século (1942 – 1997), pela Livraria José Olympio. Em 1998, o livro passou a ser reeditado no Brasil pela editora Companhia das Letras, sendo considerado como “um romance de formação de uma mulher, e ao mesmo tempo de um país” (CUNHA, 2000, p.161). No exterior, a obra foi traduzida para o inglês por Elizabeth Bishop e editado com excelente acolhida nos Estados Unidos (1957) e Inglaterra (1958); em 1959, foi lançada em Portugal, com apresentação de Alexandre Eulálio, pela Guimarães Editores; a

edição francesa (1960) foi traduzida por Marlyse Meyer, lançada pela editora Calmann Levy; foi traduzida também para o italiano (1963), por Giuseppe Valsaina e Giovanni Visentin, editado pela Società Editrice Internazionale. Quem responde, desde o falecimento de Helena Morley (Rio de Janeiro, 22 de junho de 1970) pelo copyright (1979-1998), são suas filhas Sara Caldeira Brant e Ignez Caldeira Brant Renault.

Na festa de comemoração dos cem anos dos cadernos, o assunto não poderia ter sido outro se não os originais. Quem conta é o crítico literário Roberto Schwarz (1997, p.46):

estiveram presentes professores, pesquisadores e numerosos membros da família de Helena Morle. Marlyse Meyer me contou que as versões que corriam eram as mais desconstruídas. Os originais haviam sido queimados, e aliás nunca existiram – pois a obra na verdade seria o rearranjo de um anedotário familiar –, além de estarem a salvo, guardados num baú. Elizabeth Bishop, que soube sentir a graça do livro e o traduziu para o inglês nos anos 50, quando Helena estava viva, conta na sua correspondência que não conseguiu botar os olhos nos papéis, escondidos pela família, a que a caligrafia e a ortografia precárias da menina causariam vergonha.

Quando questionada, em 1958, em Entrevista ao jornal “Tribuna da Imprensa”, se pensava em publicar novos livros, a autora respondeu que já era bastante grande a vitória que alcançou. Até hoje, nenhum outro livro foi publicado, apesar de suspeitarem da existência de uma vasta obra; um indício é a apresentação da autora, feita pela editora José Olympio:

Embora Alice Dayrell nunca escrevesse para o público, sempre foi pródiga em correspondência epistolar com os parentes e pessoas de suas relações, que provocaram e solicitaram longas cartas. Durante o exílio político de seu marido Mário Brant, que acompanhou à Europa e depois à Argentina, sua correspondência é abundante e variada, mas dispersa.

Um vestígio dessas correspondências são as oito cartas publicadas no site da escritora Vera Brant<sup>34</sup>, amiga íntima de Alice Dayrell. As cartas trocadas entre as duas datam de 1958, 65 e 67.

Mineira de descendência inglesa, Alice Dayrell Caldeira Brant cursou a Escola Normal e durante algum tempo dedicou-se ao magistério. Casou-se em 1900 com seu primo, Augusto Mário Caldeira Brant, com quem teve seis filhos. Depois de morar na capital de Minas transferiu-se com o marido para o Rio de Janeiro, onde fixou residência.

*Helena Morley é patrona da Academia Feminina Mineira de Letras.*

---

<sup>34</sup>Endereço eletrônico: <http://www.verabrant.com.br/principal.htm>



## Quarto de Despejo – Carolina de Jesus



*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*

Ano da publicação: 1960

1ª edição

Editora: Francisco Alves

Coleção Contrastes e Confrontos

Local da publicação: São Paulo

Prefácio: apresentação de Audálio Dantas, intitulada “nossa irmã Carolina”

Capa e ilustração: Cyro Del Nero

*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*

Ano da publicação: ?

? edição

Editora: Círculo do livro

Local da publicação: São Paulo

Prefácio e apresentação: fotos de Carolina publicadas no prefácio da edição original

Capa e ilustração: colagem de Isabel Carballo e fotografada por Alcir Vilarinho



*Quarto de Despejo: diário de uma favelada*

Ano da publicação: 1993

1ª edição

Editora: Ática

Local da publicação: São Paulo

Coleção Contrastes e Confrontos

Prefácio: apresentação de Audálio Dantas, intitulada “A Atualidade do mundo de Carolina”

Capa e ilustração: Edgar Rodrigues de Souza

*Quarto de Despejo*

Ano da publicação: 1976

2ª edição

Editora: Edibolso

Local da publicação: São Paulo

Prefácio: resumo da apresentação de Audálio Dantas à edição original, 1960

Capa de Gilberto Marchi (ilustrador e pintor)





A Livraria Francisco Alves lançou, no início da década, o que se tornaria um dos diários brasileiros mais polêmicos e pesquisados no Brasil e no estrangeiro - o diário de uma mulher negra, favelada, pobre, semianalfabeta, catadora de papel e mãe de 3 filhos – *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* – 1960, e, em 61, *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* de autoria de Carolina Maria de Jesus.

Conta a história que Carolina sempre perseguiu o sonho de ser escritora e de ter seus escritos publicados. Procurara em vão editá-los, sem nunca encontrar alguém disposto a lê-los. Ao contrário do que se possa pensar, entre esses escritos não se incluía seu diário datado de 1955; o desejo estava em publicar os seus outros escritos, classificados pela autora como contos, poesias e romances. O encontro em abril de 1958 com o jovem jornalista Audálio Dantas que, na ocasião, fazia uma reportagem sobre a favela na qual morava, tornou possível a publicação tão cobiçada, porém marcada por uma diferença de percepção. Enquanto Carolina “julgava a escrita do diário uma perda de tempo” (PERPÉTUA, 2000, p.243), Audálio avaliava o valor daquele depoimento escrito e sua qualidade literária, como afirmou no prefácio de *Quarto de Despejo* (1960): “Ninguém podia melhor do que a negra Carolina escrever histórias tão negras. Nem escritor transfigurador poderia arrancar tanta beleza triste daquela miséria toda. Nem repórter de exatidão poderia retratar tudo aquilo no seco escrever”. O jornalista teria dito a Carolina, sobre o diário: “Olha, a coisa boa que você faz é isto” (PERPÉTUA, 2000, p.244) incentivando-a a retomar a escrita do mesmo. Como nos informa Elzira Perpétua (que teve acesso aos cadernos manuscritos da autora), Carolina, posteriormente ao primeiro encontro com Audálio Dantas, “passou a numerar em ordinais os cadernos onde registrava os acontecimentos diários. Uma grafia miúda e arredondada, a mesma letra das folhas internas, em caneta-tinteiro, nomeou o ‘primeiro diário’: o caderno tem, como primeiro registro, o dia 2 de maio de 1958” (2000, p.163).

Audálio Dantas transformou os cadernos que Carolina geralmente encontrava no lixo, e nos quais escrevia seu dia-a-dia na favela, em um livro de sucesso nacional e internacional. No ano de lançamento do diário (1960), a Livraria Francisco Alves publicou dez edições sucessivas da obra, a primeira edição com dez mil exemplares; segundo as estatísticas do mercado de livros, na semana do lançamento, com três dias de venda, o diário passou ao primeiro lugar nas seções especializadas dos jornais; no dia da festa de lançamento, foram batidos todos os recordes de venda de livros; a autora autografou mais livros do que Alzira Vargas, Carlos Lacerda e Jorge Amado (recordistas anteriores); a Folha da Manhã divulgou, em reportagem de 20 de agosto de 1960, que, pela primeira vez, uma livraria foi invadida pelo povo (PERPÉTUA, 2000). O sucesso logrado no Brasil logo alcançou projeção internacional;

em pouco tempo, o diário foi traduzido para 14 idiomas: dinamarquês, holandês, alemão, francês, inglês, checo, italiano, japonês, castelhano, húngaro, polonês, sueco, romeno e russo. A última reedição brasileira é reservada à Editora Ática (1993-2007). De capa nova, categorizado como obra juvenil, o diário traz ao público um prefácio novo, assinado pelas velhas mãos do jornalista Audálio Dantas e intitulado *A atualidade do mundo de Carolina*. Quando escreveu o primeiro prefácio do livro, intitulado *Nossa irmã Carolina*, o jovem jornalista acreditava ser capaz de mudar o mundo; tempos depois, ele confessou em entrevista a PERPÉTUA (2000), que não o escreveria de novo daquele modo. Esse prefácio compôs todas as edições da Francisco Alves, inclusive, fez parte de algumas traduções.

O segundo diário de Carolina de Jesus, *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961), de acordo com as pesquisas de Perpétua (2000, p.245) “só foi publicado porque era, do ponto de vista temático, continuação do primeiro” e obteve pouco sucesso. A pesquisadora também informa que, depois da publicação desse livro, Carolina continuou a escrever seu diário ao mesmo tempo em que se dedicava aos seus outros escritos.

A publicação tão almejada desses outros textos não autobiográficos a que denominava contos, provérbios, romances, poemas e letras de música aconteceu um pouco mais tarde com recursos próprios; são exemplos desse conjunto: *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1965).

Carolina faleceu em uma chácara em Parelheiros, na periferia de São Paulo, em 13 de fevereiro de 1977, aos 63 anos, pobre e esquecida. Uma década mais tarde, seria publicado postumamente seu livro *Diário de Bitita* (1986), no Brasil. Também foram lançadas, postumamente, obras organizadas por José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine: *Antologia pessoal* (1996) e *Meu estranho diário* (1996).

Em 1996, a filha de Carolina de Jesus doou à Biblioteca Nacional a Coleção Carolina Maria de Jesus organizada pelo Prof. José Carlos Meihy e microfilmada em Convênio com a Library of Congress. De acordo com o termo de doação, a coleção só se tornou pública três anos após, ou seja, em 1999.

## Hospício é Deus – Maura Lopes Cançado



*Hospício é Deus*

Ano da publicação: 1990

1ª edição

Local da publicação: São Paulo

Editora: Círculo do Livro

Prefácio: Reynaldo Jardim

Posfácio: "Ninguém visita a interna do cubículo 2", de Margarida Autran (jornalista), matéria publicada no jornal "O Globo", em 1978.

Capa e ilustração: Fernando Ramos

A primeira edição do livro foi publicada em 1965, editora José Álvaro – Rio de Janeiro.

As dificuldades que encontro para escrever sobre a vida e obra Maura Cançado parecem comuns aos que se propõem semelhante tarefa. Nelly Novaes Coelho<sup>35</sup>, organizadora do Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras, diz que “há escassas informações objetivas sobre sua pessoa e vida, ambas nimbadas de tragédia. Vagas referências sobre sua personalidade impetuosa, inteligência e estranhezas” (2002. p.485).

O escritor e jornalista Carlos Heitor Cony (2007) conta, em uma reportagem da Folha de São Paulo, que já foi procurado várias vezes por estudantes de faculdades espalhadas pelo Brasil para dar informações sobre a vida de Maura. Em 2003, quando fazia uma série de palestras na Sorbonne (Nantes, Lyon, Rennes e Paris), relatou que “um jovem professor pediu-me para falar sobre Maura Lopes Cançado, cujo livro ‘O Hospício É Deus’ estava estudando para uma tese de doutorado na própria Sorbonne. Ele sentia dificuldade em encontrar material crítico e biográfico sobre a autora, sabia vagamente que eu fora seu amigo” (2007).

Cony conviveu com Maura Lopes Cançado no final da década de 50, época em que ela passou a fazer parte do grupo do “Suplemento Dominical do Jornal do Brasil”, cujo criador e editor era Reynaldo Jardim. Cony narra que Reynaldo Jardim:

recebeu um conto de Maura e ficou entusiasmado, publicou-o na primeira página... Foi o início de uma série de contos magistrais; falou-se em Katherine Mansfield, em Mary McCarthy e, principalmente, em Clarice Lispector, que parecia a influência mais próxima da desconhecida contista. Estava longe de ser uma imitadora. Seu universo era mais denso e concentrado naquilo que, mais tarde, ficamos sabendo ser a sua loucura (2007).

Maura internou-se pela primeira vez em um Sanatório aos 18 anos. Quem explica [até onde é possível] os percalços é a jornalista Margarida Autran (1990, p. 186-187):

<sup>35</sup> Ensaísta, crítica literária e professora.

Maura nasceu numa fazenda do interior de Minas, rica e mimada. Foi uma criança precoce, ‘monstruosamente inteligente, perplexa e sozinha’. Aos quatorze anos quis ser aviadora e, no aeroclube onde pretendia obter um brevê de piloto, conheceu um jovem aviador pouco mais velho do que ela com quem se casou. O casamento durou doze meses e ao final dos quais Maura se viu com um filho e sem condições de reintegrar-se na preconceituosa sociedade mineira.

A própria Maura explica que procurou se retratar até os 17 anos “desde então tudo tomou caráter mais grave e penoso” (1990, p.26). Ela também explica que ninguém entendeu sua internação, a não ser ela mesma, que necessitava desesperadamente de amor e proteção. O sanatório, aos seus olhos, parecia romântico e belo (1990).

De acordo com Autran (1990), Maura Caçado Lopes escreveu seu livro-diário “Hospício é Deus” durante sua terceira passagem pelo hospital psiquiátrico Gustavo Riedel (Centro Psiquiátrico Nacional, Engenho de Dentro), no Rio de Janeiro. A primeira página do diário, data do dia 25 de outubro de 1959, quando a autora tinha 29 anos; o último registro data de 07 de março de 1960.

Um ano antes de começar a escrever seu diário, Carlos Heitor Cony havia estrelado na literatura e conta que Maura “me procurou, dizendo que desejava escrever um romance. Tirei o corpo fora, não se ensina ninguém a escrever um romance, um ensaio, uma poesia. Ajudei-a apenas materialmente, dando-lhe uma máquina de escrever. O resultado foi ‘O Hospício É Deus’” (2007). A primeira edição do livro foi publicada em 1965; três anos depois, a autora publicou outro livro *O sofrer do ver* (1968).

Em 1974, Maura foi julgada na 2ª Vara do 2º Tribunal do Júri, sendo absolvida da acusação de ter sido responsável pela morte de uma interna, ocorrida durante uma de suas crises. É provável que ela tenha permanecido internada até por volta da década de 1980.

Segundo Cony (2007), Maura morreu há pouco tempo “esquecida e conformada, aparentemente curada da loucura que a levou a diversas internações em hospícios e clínicas psiquiátricas. Não mais escrevia, não procurava ninguém e por ninguém era procurada, a não ser por seu filho, Cesarion Praxedes, que morreu dois anos atrás”.

## Diários das Máscaras / Em Psicanálise – Ruth Bueno



*Diário das Máscaras*  
 Ano da publicação: 1966  
 1ª edição  
 Editora: Edições Tempo Brasileiro Ltda  
 Local da publicação: Rio de Janeiro  
 Coleção: Temas de todo tempo 4  
 Ficha biográfica da autora organizada pela editora  
 Apresentação poética da autora datada de outubro de 1964  
 Capa de Antonio Dias  
 Desenho: Breughel (fragmentos)



*Diário das Máscaras*  
 Ano da publicação: 1980  
 2ª edição  
 Editora: Fontana/ INL-MEC  
 Local da publicação: Rio de Janeiro/Brasília  
 Lista de livros da autora organizada pela editora  
 Biografia na 4ª capa  
 Apresentação poética da autora datada de outubro de 1964  
 Capa de Guimarães Vieira



*Em psicanálise: registros e anotações*  
 Ano da publicação: 1983  
 1ª edição  
 Local da publicação: Rio de Janeiro  
 Editora: Tempo Brasileiro  
 Revisão e diagramação: Maria da Conceição Rainho  
 Montagem: Luís Carlos Falcão Lordelo  
 Capa: Óleo de J. Gabus

Em 1966, é a vez da advogada Ruth Bueno (1925 – 1985) lançar o seu *Diário das Máscaras* e entrar na carreira das letras, aos 41 anos. Antes disso, a autora já havia experienciado, como escritora, o concurso de contos do Correio da Manhã (1964), recebendo prêmio com o conto *Fuga*, que pode ser lido no seu diário.

Segundo Nelly Novaes Coelho (2002), Ruth Bueno começou a escrever ficção desde muito jovem. Porém, durante muito tempo, foi conhecida apenas como advogada e professora

de direito. A editora do livro, *Tempo Brasileiro*, afirma que seus escritos literários eram revelados apenas à confiança de poucos amigos. O diário é um bom exemplo disso. Foi revelado ao seu amigo (íntimo!?), Thiers, quando ainda “eram notas de cada dia, escritas sem o propósito da publicação futura” (1966, p.11).

Os motivos de a autora ter exposto seus escritos “mais íntimos” escapam à apresentação que se segue do livro, feita pelo próprio Thiers Martins Moreira. Conta o professor de literatura que logo se seduziu pela “claridade da linguagem, pelo poder de observar o inútil que refluí pelas horas que se vivem, e pela faculdade, às vezes poética, de encarar o pequeno fato e ver os seus reflexos na alma” (p.11). Entusiasmado com o livro, aconselhou a autora a fazer a publicação. Talvez o teor de convencimento do amigo seja o mesmo que usa na apresentação ao dizer ao leitor que está “habitado, na prática docente da literatura, a formar juízo sobre obras não impressas e ainda incertas” (p.11). Fica, aqui, uma leve suspeita da intenção da autora de mostrar seus escritos íntimos com vista a uma possível publicação.

Thiers se considerou não só o descobridor dos escritos, mas também, o responsável pela publicação. O professor dedicou uma boa parte da apresentação a ressaltar as qualidades literárias da obra e finalizou dirigindo-se ao público leitor, com estas palavras:

O que vai interessar o leitor é esse desenrolar dos pequenos problemas humanos que brotam das circunstâncias e povoam as horas. O livro não conta uma história. Conta pedaços de vida, fragmentos que, somados, dão a existência. Se, no entanto, o leitor, pelo hábito dos romances, quiser uma personagem, encontrará nesses fragmentos a própria autora, que é quem surge dessas notas, escritas pela manhã, à tarde ou à noite, quando a advogada, fugindo da profissão, teve necessidade do papel para dizer o que estava em silêncio. E verás, então, surgir uma novela, onde o intrincado das situações e dos conflitos se disfarça na forma íntima dos diários que contam as coisas realmente acontecidas (1966, p. 12-13).

O texto do diário é uma mistura de relatos do cotidiano, contos e poesias. Como diz Ruth Bueno (1966, p.16), nas primeiras páginas do seu diário, “escrevo, e te segredo estórias. Histórias. De mim, de nós. E das máscaras também”. O diário publicado tem início no dia 03 de janeiro de 1963 e a última data assinalada é 09 de outubro de 1964. A organização do índice, diga-se, bem interessante, dá uma idéia geral da composição do texto. Eis sua digitalização:



## ÍNDICE

das datas

e dos títulos quando há

3.1.63 a 17.1.63 .....	15 a 21	5.11.63 a 11.11.63 .....	66 a 67
<i>Ritmos</i> .....	22	<i>A carta</i> .....	68
<i>Catarse</i> .....	24	<i>O isqueiro de prata</i> .....	70
3.2.63 a 17.2.63 .....	27 a 34	14.11.63 a 17.11.63 .....	74 a 75
<i>Mágoa</i> .....	35	<i>Sôpro de vida</i> .....	76
19.2.63 .....	36	19.11.63 a 21.11.63 .....	78 a 82
<i>O convite</i> .....	37	<i>Vestal</i> .....	83
23.2.63 a 21.8.63 .....	39 a 50	23.11.63 a 20.1.64 .....	84 a 104
<i>Fuga</i> .....	51	<i>Rio Jordão</i> .....	105
8.9.63 a 3.11.63 .....	58 a 64	22.1.64 a 27.1.64 .....	110 a 115
<i>Bôlha de espuma</i> .....	65	<i>Mãos</i> .....	116
		<i>A carta da saudade</i> .....	118
		29.1.64 a 8.3.64 .....	120 a 124
		<i>Presença</i> .....	125
		11.3.64 a 14.4.64 .....	129 a 139
		<i>As outras mãos</i> .....	140
		<i>Diálogo</i> .....	143
		15.4.64 a 16.4.64 .....	146 a 147
		<i>Volta</i> .....	148
		18.4.64 a 29.8.64 .....	149 a 156
		<i>Gênio</i> .....	157
		8.10.64 a 9.10.64 .....	159 a 160
		<i>Adeus a dr. Jivago</i> .....	161

Em 1983, passados dezessete anos, a editora Tempo Brasileiro lançou o segundo diário de Ruth Bueno intitulado, *Em psicanálise: registros e anotações*. Até aquele momento, a escritora já havia publicado outras obras: contos e poesias – *Cartas para um monge* (1967), *O guichê* (1980), *Bip bip bip* (1982); romances – *A corredeira* (1970), *Encontro antecipado* (1972), *Asilo nas torres* (1979).

O diário publicado começa no dia 12 de janeiro de 1966, pouco mais de um ano depois do término do primeiro diário; o último registro com data é feito no dia 6 de abril de 1982, e finaliza com um registro sem data. Este trecho traz uma reflexão da autora sobre a escrita do diário e a publicação:

Os registros dos diários seriam necessários? De certa forma, são uma conversa, primeiro com o papel, e depois, quem sabe, com os leitores, quando vão ao público. Os registros dos diários são talvez forma de contornar o silêncio. Seriam mesmo necessários? Eles também passam, ficam esquecidos. E me pergunto se devo continuá-los ou se me bastaria já



agora deixar que tudo fosse acontecendo, passando, morrendo, sem deixar marca (BUENO, 1983, p. 83).

Interessante anotar o registro feito por Ruth Bueno no Diário das Máscaras, logo no início do livro:

7.1.63 – Tenho na pena uma boa amiga, que me acompanha desde menina. Nunca me deixa inteiramente só. Somos irmãs gêmeas, uma dependendo da outra. Para viver. Sem que ela marque meus momentos, eu não sou eu mesma. Habituei-me de tal forma a servir-me dela, que as maiores mágoas que tenho terminam, quase sempre, em impressões e relatos, feitos na solidão da noite. Nessa confiança, faço-me da minha pena ainda mais amiga. Quando ela não me traz o esquecimento, ajuda-me a encontrá-lo, no tempo. É tão dócil, que cede a meus caprichos: escreve alegre quando estou contente, triste, quando me vê triste, e até se faz de tediosa, querendo me imitar (1966, p. 16).

## *QUATRO*

### **CADERNOS, AGENDAS E DIÁRIOS SECRETOS DE GAROTAS UNIVERSITÁRIAS: A COMPOSIÇÃO DA ESCRITA ORDINÁRIA**

Além da busca e análise dos diários publicados, a pesquisa previa uma aproximação da escrita de diários por pessoas “comuns”, que se opõem aos escritos prestigiados. O objetivo era refletir sobre essa prática da escrita, como experiência, na vida de pessoas comuns: como ela se dá? É secreta? É íntima? Guarda segredos? Revela-nos sua autora? É compartilhada com alguém? É guardada? É escondida? Ou é destruída? E, por outro lado, ter contato com a própria materialidade do objeto – que é diferente do livro – a organização, a disposição e o arranjo prosaico dos escritos, no sentido de entrever uma prática da escrita ordinária que, depois de transformada em livro, vem a se tornar pública. A questão chave é: o que caracteriza essa prática da escrita ordinária?

A primeira intenção era realizar um levantamento, por meio de questionário<sup>36</sup>, com alunos do Ensino Fundamental, em salas de EJA, no município de Araras, dando, assim, continuidade ao levantamento realizado no município de Rio Claro, em 2007, em que, ao se perguntar sobre práticas de ler e escrever cotidianas, a escrita de diários apareceu de modo significativo<sup>37</sup>.

Enquanto entraves burocráticos por parte da Prefeitura de Araras foram atrasando o início da pesquisa, os primeiros contatos com diaristas “comuns” foram ocorrendo na divulgação mesma da pesquisa. Tanto em rodas de conversa com colegas do mestrado, quanto em eventos e congressos dos quais participei, não era raro alguém se apresentar como tendo sido diarista na adolescência. Durante muito tempo, a presença dessas diaristas marcou-se pela ausência do material. A maioria já não escrevia mais há um bom tempo e, por vários motivos havia-se desfeito do registro material, restando apenas na memória o fato de, um dia, ter-se inscrito em páginas de cadernos e diários “comerciais”... Histórias entrecortadas pela memória que buscava compor o que foi o exercício de escrever um diário.

---

<sup>36</sup> Modelo do questionário em anexo.

<sup>37</sup> Thais Surian. Um estudo das práticas de escrita de mulheres (escritoras ou não) na Educação de Jovens e Adultos. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação - Rio Claro) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ PROAP. *Orientador*: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo.

Os relatos que ouvia eram marcados por frases do tipo: “se eu os tivesse guardado”, “por que não os guardei”, “podia/devia tê-los guardado” – a ausência sentida de algo que na lembrança se tornou significativo ao longo do tempo. Houve também relatos em que a ausência do material significava um certo alívio por ter se desfeito de algo que ainda seria comprometedor.

Com o tempo, as dificuldades em realizar a pesquisa junto à Prefeitura de Araras, somadas ao contato com essas diaristas, levaram-me a manter a investigação de modo mais informal, buscando, entre as apresentações da pesquisa, travar conversas com possíveis diaristas. Por acreditar tratar-se de uma prática de escrita disseminada, o diário poderia aparecer aqui e ali, como acabou acontecendo.

Em março de 2010, fui fazer estágio docente em um curso de graduação do câmpus<sup>38</sup>. A experiência possibilitou, mais uma vez, a divulgação da pesquisa. No dia 05 de maio, apresentei à sala de universitários/as os diários publicados que compunham meu acervo particular, a trajetória investigativa, meus objetivos, dúvidas, dificuldades entre outras questões que foram sendo colocadas. Nesse dia, fui informada de que, entre as jovens estudantes, havia uma garota que escrevia diários desde os 7 anos de idade, e tinha guardado todos os diários que escreveu. Convidei-a para participar da pesquisa; ela aceitou prontamente.

Depois de confirmar o interesse por algumas semanas e correr toda a documentação do Comitê de Ética, agendamos um primeiro encontro para o dia 6 de agosto.

*06 de agosto de 2010*

*Hoje comecei minha pesquisa de campo. Às nove horas em frente à biblioteca da UNESP encontrei-me com Tatiana, uma garota escritora de diários desde os 7 anos. A intenção era lhe apresentar a pesquisa, tirar dúvidas e acertar os detalhes das entrevistas. A conversa rapidamente ganhou um tom de informalidade, próprio de duas pessoas que já se conhecem. Fiquei cativada pelo interesse dela em relação à pesquisa. Às vezes, penso que até falei demais, mas cada palavra parece ter encontrado lugar entre mim (pesquisadora) e ela (sujeito de pesquisa). Expressões do tipo: “que legal!!!” “Nossa, é difícil!” “Eu quero ajudar!” marcaram o ritmo de nosso bate-papo. E quantas coisas não aparecem num bate-papo... A maior surpresa, para mim, foi o fato de descobrir que a mãe de Tatiana, também, era escritora de diário. Tatiana contou que sua mãe começou a escrever depois do*

---

<sup>38</sup> A partir daqui não darei informações precisas, neste estágio do estudo, para preservar os sujeitos da pesquisa.

*casamento, quando nasceu sua primeira filha. O diário, como apresentou Tatiana, narrava fatos principalmente sobre as filhas [nascimento, primeiros passos...] não é uma escrita que fale do que sente, mas sim uma escrita que comunica o que acontece, o que é importante, significativo, não se escreve com muita frequência... "Eu li o diário e até chorei", confessou Tatiana, enquanto contava a história de sua mãe. Fiquei curiosa: quando soube que a mãe escrevia? Quando leu o diário pela primeira vez? Por que leu? Sua mãe que quis ou foi um pedido consentido? Mas me calei; era só uma primeira conversa e tudo era novo, uma coisa era a trajetória de cadernos que são publicados, outra coisa era conversar pessoalmente com uma diarista que mantém seus diários secretos. Penso que, para ela, tudo também era novo, inclusive ver seus diários como objeto de pesquisa.*

*Sobre seus diários, Tatiana me informou que se trata de 10 cadernos: 4 são aqueles em forma de diário com chave; 5 são agendas e 1 caderno separado em que escreve quando está deprimida, de TPM... Ela me trará o material para ler... Expliquei que tudo que se tornar público passarantes, á, pela sua aprovação final, mas ainda não sei o que isso pode significar em nosso trabalho. Combinamos que as entrevistas seriam gravadas ou as questões respondidas por ela por escrito, conforme a situação.*

*Outras coisas interessantes que surgiram na conversa: Tatiana me disse que tem coisas que escreve como se estivesse falando para um "monte de gente"; afirmou também que a menina não tem vergonha das coisas que escreve. Comentei com ela que no CIPA<sup>39</sup>, uma pesquisadora me questionou sobre a possibilidade de vir a publicar o diário dela. Tatiana primeiro achou estranho, depois disse que ler um diário (como leitora de diário) é muito divertido, disse que eu vou me divertir lendo o seu, mas ELE (o diário) é sua vida, suas coisas - algo nesse sentido: "não sei se publicaria", finalizou. Depois me contou que tem um diário de férias, escrito durante o mês em que estive nos EUA. A senhora que a hospedou, sabendo da existência do diário de férias, sugeriu a Tatiana que o publicasse. Ficaria muito orgulhosa de ir a uma livraria e ver o diário da garota que morou em sua casa. A idéia parece não ter cativado muito Tatiana. Conversamos por 1 hora e meia... o tempo passou bem depressa... Estou feliz com o resultado... Termino a primeira página do meu diário "de campo" aqui.*

No dia 16 de agosto, enviei um e-mail para Tatiana com as seguintes questões: por que decidiu participar da pesquisa? Por que está disponibilizando seus cadernos para leitura? Não

---

<sup>39</sup> Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica, realizado na USP, São Paulo, em 2010.

a incomoda que eu vá lê-los? E, até certo ponto, torná-los públicos? Alguém já leu seus diários? Se sim, com ou sem sua autorização prévia? Caso tenha autorizado, por que o fez e, se não, como se sentiu sabendo que alguém o leu escondido? Você costuma ler o que escreve? Por quê? Com que frequência?

No dia 26 de agosto, encontramos-nos pela segunda vez. Tatiana trouxe as questões da entrevista respondidas em folhas de caderno e duas sacolas com os seus diários. Tratava-se de 4 diarinhos com chaves e 5 agendas. O diário de férias não havia sido encontrado, mas prometeu que o continuaria procurando; já o caderno em que escreve quando está deprimida, preferiu mantê-lo em segredo. Nesse dia, nossa conversa foi mais curta. Decidi, primeiro, ler o que ela respondeu e também olhar o material.

No início de setembro, Tatiana me apresentou uma amiga, estudante da UNESP, que também é escritora de diário e que ao saber da pesquisa ficou interessada em participar. Marcamos de nos encontrarmos no dia 17 do mês corrente, por volta das 9h30, em frente à biblioteca do câmpus. Bia chegou com uma mochila cheia de cadernos e agendas. Pelo que percebi, não havia necessidade de muitas explicações; Tatiana, parece, devia ter dado todas as informações. Contudo, Bia me pareceu mais preocupada com a divulgação/exposição do texto do que Tatiana. Ao final de nossa breve conversa, fiquei com todo o material.

Os próximos dois tópicos trazem os dados da primeira entrevista sobre a participação das garotas na pesquisa e o que elas pensam sobre a leitura dos diários que será feita pela pesquisadora e a possível exposição/divulgação do texto entre outros assuntos. Além disso, há uma descrição detalhada dos materiais disponibilizados pelas duas estudantes para a realização do estudo.

Trata-se de escritos íntimos, de um longo período da vida, guardados, alguns até esquecidos, que foram confiados à pesquisadora para o contato, a leitura, e o registro (cópia e/ou foto) desse rico material...

## Uma prática de infância: os diarinhos e as agendas de Tatiana

A proposta surgiu meio que espontaneamente, em uma aula de didática, onde fazíamos análises de diários publicados. Conversando com a Ingrid, contei que eu escrevia diários desde os sete anos de idade, e ela disse meio brincando se eu queria participar do projeto dela. No fim da aula, retomei o assunto com ela e falei que se ela quisesse, eu toparia sim dar os meus diários para que ela realizasse o trabalho. Penso que, não são todas as pessoas que escrevem diários que têm a oportunidade ou possibilidade de ver seus escritos descompromissados virarem um trabalho de mestrado. Decidi participar da pesquisa pelo fato de isso ser uma novidade para mim. Eu não sabia que existiam pessoas que estudavam diários, sendo eles publicados ou não. Eu não imaginava como realmente estes escritos podem ser interessantes. Em segundo lugar, um pouco por orgulho próprio, em pensar que uma coisa que eu fiz durante anos, e ainda faço, poderia se tornar uma publicação na universidade; me sinto feliz em ajudar – Tatiana<sup>40</sup>.

O empréstimo dos cadernos para leitura foi feito com a intenção de contribuir com a pesquisa: “com certeza para se estudar a linguagem e a escrita de um diário nada melhor do que lê-lo”, afirmou Tatiana. Minha presença como leitora de seus diários parecia não incomodá-la, na medida em que leio, aos seus olhos, como pesquisadora. Tatiana conta que o que está escrito em seus diários eram ou ainda são as suas impressões do mundo, das pessoas, seus sentimentos e pensamentos que teve durante a vida, episódios que sucederam com ela: “são registros do que de fato aconteceu – vistos pela minha ótica – e me ajudaram a me construir como sou hoje. E sou o que sou com meus defeitos e qualidades, então não tem o que esconder ou negar” – Tatiana.

Posso me considerar a primeira leitora autorizada de seus escritos, já que Tatiana os vem mantendo em segredo até hoje. É possível, como suspeita, que sua mãe “já tenha lido alguns trechos dos diários mais velhos, de quando era criança; pois, em conversas, ela [a mãe] sempre jogava alguns elementos que eu não tinha contado para ela, mas que tinha escrito”. Segundo Tatiana, isso aconteceu sem sua autorização, e quando percebia ficava

um pouco brava sim. Sentia como se ela estivesse me tirando uma privacidade muito especial que eram os escritos, afinal às vezes eu escrevia porque não queria falar. Aconteceu uma vez, de minha mãe, ler bilhetes que eu trocava com amigas minhas em sala de aula, eu os guardava junto com o diário, ou na agenda (muitas agendas minhas, também, serviam como diários) e nesse bilhete em particular tinham “aventuras” que eu fiz com um ex-namorado. Minha mãe leu e isso gerou algumas sérias conseqüências para mim. Acho que essa foi a vez que eu fiquei mais revoltada, brava e chateada por terem lido o que escrevi.

<sup>40</sup> Trecho da entrevista escrita concedida por Tatiana.

Tatiana conta que também costuma ler seus diários. Segundo ela, toda vez que encontra algum dos seus diários perdidos no armário, logo para o que está fazendo para dar uma lida:

Não tem uma frequência fixa, mais sempre que os leio dou muita risada. Risada das coisas que fiz, do que eu sentia e de algumas conclusões que chego lendo eles. Acho que os leio/escrevo para poder fazer um balanço pessoal, como foi minha vida, como está sendo, em que eu mudei, o que eu pensava antes, e como é agora, essas coisas.

Sobre a publicidade do texto, como já comentei, é algo que soa novo, porém parece não a incomodar por estar vinculada a uma pesquisa:

O fato de torná-los público confesso que é uma idéia nova. É até engraçado pois algumas vezes eu escrevia como se alguém estivesse lendo ou para um público mesmo, porém não há problemas em ser publicado. Pelo menos, enquanto um projeto de pesquisa, se fosse para ser publicado para o público em geral acho que eu teria que dar uma revisada na gramática, dar uma olhada melhor, torná-lo publicável. (risos)

Não perdendo de vista a questão da publicação, tratada nos capítulos anteriores, a afirmação de Tatiana, sugere questionamentos: o que implica tornar um diário publicável? O que significa “dar uma olhada melhor”?

Agora, o material. Trata-se de 4 diários e 5 agendas. Os diários são esses oferecidos em casas comerciais, destinados a crianças e adolescentes; a esses me refiro como *diarinho*.

### *Diarinho 1*



O diário compreende os anos de 1996, 1997 e 1998. Tatiana ganhou de presente, quando tinha de 7 para 8 anos, no dia 02 de abril de 1996. A primeira entrada data desse dia e ela escreve: “oi meu querido diário eu Tatiana dia 02 de abril eu ganhei você muito querido chau”. Tatiana escreve a lápis, a caneta e canetinhas de várias cores. As letras variam de tamanho e forma, são pequenas ou grandes, algumas ocupam mais de



meia página. Além disso, há também, escritos em códigos marcados pela diarista. As entradas não são frequentes, às vezes o intervalo é de meses. Em algumas páginas não está assinalado o dia. Além dos textos escritos, há colagem de desenhos, adesivos, figuras de revistas, figurinhas, bilhetinhos e cartinhas de amigas. Tatiana também elabora lista da turma da escola e, no final do diário, dos meninos de quem já gostou.

### *Diarinho 2*



Esse diário tem, no início, dois blocos de folhas presas com cliques. O primeiro é só de desenho. No segundo, há uma inscrição, “Começam as confidências e segredos da Tatiana. Amores também!” e vários escritos, com fotos, sobre o filme Titanic. O primeiro registro está sem data e o seguinte é datado do dia 23 de maio de

1999, dia da festa de aniversário de 11 anos de Tatiana<sup>41</sup>.

Novamente, há muitas colagens: bilhetes de amigos e amigas, convites de festas, recortes de revista, adesivos e uma entrevista feita em papel escrito em inglês com um Maitê sobre a viagem que fez para Disney. No final do diário, encontrei cartões que não foram remetidos, de desejos de boas festas para amigas, datados de 2000. O último registro data do dia 23 de agosto de 2002.

### *Diarinho 3*



A primeira entrada data de sábado, 22 de julho de 2000. Nela, Tatiana – agora com 12 anos – esclarece que o diário foi presente da sua tia Evelise, ganho no aniversário de sua mãe, comemorado na chácara de sua família. Explica também que, nesse diário, pode escrever o que quiser; “esse

<sup>41</sup>Tatiana faz aniversário no dia 24 de maio.

vai ser de apoio, tenho 1 oficial, 1 de desenhos e segredos e esse de apoio, Q D +!”. Uma três páginas adiante e um novo formato: “esse passa a ser agora o meu diário oficial. E já começa com coisas importantes pois agora eu vou escrever a lista dos nomes dos livros (e filmes) Harry Potter! Eu tenho o 3º e o 4º e já li todos desde o primeiro”. Novamente, encontramos uma série de colagens: bilhetinhos de amigos e amigas, ingresso e folder do Hopi Hari, folder de escola de Inglês, folder de festas, figurinhas pintadas de personagens da Walt Disney, convite e lembrancinha de festa de 15 anos. Há mais colagens do que texto escrito. Não dá para saber os anos que compreende a escrita desse diário. As páginas de agenda coladas mais para o final do diário datam de 2002.

#### *Diarinho 4*



Esse diário também foi presente. Tatiana diz que o ganhou no dia 22 de maio de 1998 de sua amiga Aline, de presente de aniversário. As entradas datam de 1998, 1999, 2000 e 2001. Além das colagens já comentadas, Tatiana faz uma coleção de convites de aniversário e cartas recebidas de parentes.

#### *Agenda 2004*



Tatiana tem agora 16 para 17 anos. A letra já não é mais a mesma dos cadernos. As colagens diminuíram em quantidade e variedade; a maioria agora é de bilhetinhos de amigas e amigos. Há mais textos escritos. Começa a aparecer a transcrição de trechos de livros e frases famosas. A narrativa do dia-a-dia vai-se confundido com anotações escolares de datas, matérias de provas e notas recebidas. Há, também, páginas escritas por amigos e amigas com mensagens carinhosas que reafirmam os votos de amizade.

### Agenda 2005



Na folha de rosto há a seguinte inscrição: “com toda propriedade eu digo! Esse foi o pior (pelo menos o mais confuso) ano da minha vida! Excluindo a turma...”. Na forma, ela se parece muito com a anterior. A novidade nas colagens são as fichas de inscrição do vestibular.

Nesse ano, a autora participou de um intercâmbio; os registros feitos na agenda são interrompidos e passam a ser feitos em um caderno, que funcionará como “diário de férias”. O primeiro registro no caderno data de 26 de abril. Tatiana escreve: “26/ abril (quarta) – cheguei em casa e ganhei esse caderno para escrever minhas aventuras nos EUA”. Tatiana, valendo-se do calendário mensal do caderno, organiza um índice que nos permite entrever o conteúdo do seu “diário de férias”: “Fev. Sonho de Intercâmbio, Mar. Decisão de viagem, Abr. Passaporte/Documents, Mai. Visto/preparativos, Jun. Embarque/ambientamento, Jul. Curtindo/Retorno, Ago. Pós-viagem”. Tatiana escreve praticamente todos os dias.

### Agenda 2006



Nessa agenda, Tatiana escreve praticamente todos os dias; letra miúda em tinta vermelha e rosa, com poucas inscrições a lápis. Os registros diminuem um pouco nos meses de novembro e dezembro, período dos vestibulares.



*Agenda 2007*



Aqui, os registros e as colagens diminuem. Há dias escritos com detalhes, mas a maioria tem apenas umas frases no início da página. Muitas também se encontram em branco. As colagens agora são de eventos da universidade.

*Agenda 2008*



Aqui os registros e as colagens também são poucos. Há anotações de provas e matérias das aulas.

*Apesar de estar de posse dos diários de Bia e de seu consentimento em participar da pesquisa, não descreverei o material fornecido pela autora, tendo em vista as dificuldades em nos reunirmos com e a ausência de contato já há um longo período.*

## CINCO

### O DIÁRIO ÍNTIMO PUBLICADO EM QUESTÃO: ENTRE SER DIÁRIO E SER LIVRO

Há duas questões que, pode-se dizer mobilizam as discussões sobre os diários publicados: uma enunciada pelo pesquisador francês Philippe Lejeune<sup>42</sup> (2008, p.260) – “quando se lê ‘o mesmo texto’ impresso em um livro, será de fato o *mesmo*?” e a outra elaborada por Laura Freixas<sup>43</sup> (1996, p.11) “¿Son verdaderamente diários íntimos?” Pesa sobre essas questões a apreensão do diário enquanto uma prática cultural ordinária e do livro enquanto um objeto cultural que instaura uma ordem. Daí que soa estranho o termo livro-diário. Enquanto livros, eles se apresentam como qualquer outro livro: capa, título, prefácio, apresentação, índice... Enquanto diário: o que há nesses livros? O texto é o mesmo? A intimidade composta é a mesma?

A pesquisadora Nora Catelli<sup>44</sup> (2007, p.45) afirma que “todo mundo” sabe em que consiste um diário; pelo menos “todo mundo” vem caracterizando-o por uma certa repetição canônica.

O diário, segundo Antonio Viñao<sup>45</sup> (1999, p. 8):

es una sucesión de textos más o menos extensos escritos sobre la marcha, al hilo de los acontecimientos, con mayor o menor frecuencia y regularidad, a lo largo de los años o durante un período de tiempo determinado. El peso de la realidad inmediata, aún viva, sobre o a partir de la que se escribe, le confiere, por lo usual, un carácter fragmentario y atomizado. La ausencia de perspectiva temporal provoca además, en este tipo de textos, la yuxtaposición de detalles sin interés aparente junto a otros relevantes... el diario, como forma textual reviste a su vez modalidades diversas y sirve a propósitos muy variados. El diario íntimo... permite - por la inmediatez de la escritura - una mayor espontaneidad en la exteriorización del yo.

Idéias semelhantes perpassam as considerações de Manuel Alberca<sup>46</sup> (2000, p. 14 e

---

<sup>42</sup> Foi professor nos Estados Unidos e na França, em Lyon, e na Universidade Paris XIII-Villetaneuse. É membro fundador da APA (Association pour l'Autobiographie ET Le patrimoine autobiographique). O pesquisador é uma referência para os estudos sobre as escritas do “eu”; é conhecido, sobretudo por seu *Le pacte autobiographique*.

<sup>43</sup> Colaborou com o número 182-183 da Revista de Occidente, que trata de uma coletânea de artigos sobre diários íntimos. Nessa revista, Freixas publicou um artigo intitulado “Auge del diario ¿íntimo? em España”, além de traduzir os artigos de Philippe Lejeune, Alain Girard e de Béatrice Didier.

<sup>44</sup> É uma escritora e crítica literária argentina, professora de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de Barcelona. Entre seus livros estão: *En la era de la intimidad* (2007), *El espacio autobiográfico* (1991).

<sup>45</sup> Professor Catedrático de História da Educação na Universidad de Murcia – Espanha; artigo referido: *Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos* (1999).

15):

Un diario (su nombre así al menos lo indica) debe estar escrito al hilo de los días y de los sucesos vividos, sin otro plan que intentar apresar en sus páginas el paso del tiempo y el peso que este va dejando en el escritor del diario. Por esto, en las anotaciones de un diario cabe todo lo que sucede en el tráfigo o en el contenido cotidianos del autor. El diario puede absorber los grandes y los pequeños acontecimientos sin ningún orden o forma preestablecida, salvo los que le impone la cronología calendaria. Las entradas han de tener una asiduidad o una frecuencia (no necesariamente diaria) que permita percibir el conjunto del diario y el tiempo registrado como un continuo.

Já a pesquisadora Maria Teresa S. Cunha<sup>47</sup> traça as mesmas linhas ao caracterizar o diário como uma prática de escrita ordinária (2007, p.2 e 4):

Os diários constituem-se como repositórios de lembranças... escritos ao longo dos dias... de forma fragmentada e com a ausência de elaboração prévia: uma escrita, enfim, que registra o efêmero, o descontínuo e por esse motivo chamada de *escrita ordinária*. Ele pode absorver em suas páginas tanto os grandes como os pequenos acontecimentos sem nenhuma ordem previamente estabelecida, salvo o que lhes impõe a passagem cronológica do tempo, daí dizer-se que um diário não existe fora da gravitação que lhe impõe o fluir do tempo... confidentes fiéis companheiros das horas de intimidade.

A estudiosa francesa Béatrice Didier<sup>48</sup> caracteriza o diário íntimo "pelo fracionamento, pelo descontínuo e pela ausência de elaboração" (DIDIER, 1991, apud MUZART, 2004, p.183). "O diário é uma escritura essencialmente de dentro, onde os sentimentos, as sensações internas, ocupam um grande lugar; uma escritura que rejeita uma organização formal, uma escritura essencialmente do registro do descontínuo, do efêmero" (DIDIER, 1983, apud CUNHA, 2004, p. 160)

A aproximação das definições marca e demarca um espaço de escrita íntima e particular do sujeito, um espaço privado do ato de escrever, aparentemente secreto, construído cultural e historicamente a partir da ascensão da burguesia e o conseqüente desenvolvimento das cidades. A partir dessas caracterizações é possível traçar alguns dos contornos mais nítidos da prática de escrita do diário: a prisão ao calendário, a forma aberta de escritura, e seu caráter secreto.

---

<sup>46</sup> É professor de Literatura Espanhola na Universidade de Málaga e pesquisador da Unidad de Estudios Biográficos na Universidade de Barcelona. Na atualidade vem pesquisando, entre outras coisas, sobre os diários íntimos de pessoas comuns, na Espanha.

<sup>47</sup> Publicações recentes na área: Diários Pessoais. Territórios abertos para a História. IN: O historiador e suas fontes/ Organizado por Carla Bassanezi Pinsky e Tania Regina de Luca. SP: Editora Contexto, 2009; Dias ao leme, noites na proa. Gênero e geração nas memórias de um almirante. IN: Sentidos, potencialidades e usos da (Auto)Biografia. Organizado por Paulo Perin Vicentini e Maria Helena Menna Barreto Abrahão. SP: Cultura Acadêmica, 2010; A "Bio" que foi grafada. Gênero e modelos geracionais no diário de MRRH (1964-1966). IN: Tendências da pesquisa (Auto)Biográfica. Vol.3. Organizado por Maria da Conceição Passeggi. EDUFRRN e editora Paulus. 2008.

<sup>48</sup> Autora de *Le journal intime*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

Um diário é um texto escrito todos os dias, ou pelo menos quase todos os dias. Há os que escrevem com uma disciplina religiosa, sem faltar um dia. Há, também, aqueles que geralmente se desculpam pela ausência justificada e contam os eventos de alguns dias passados. E outros que vão se acostumando, ou se acomodando, a serem menos frequentes, sem tantas culpas, quase como um jeito de ser e fazer. As falhas podem chegar a dias, semanas, meses e até anos, quando se interrompe a escrita e se retoma no futuro. Há pessoas que começam a escrever um diário várias vezes sem conseguir levá-lo adiante. Uma entrada é sempre convite para outra e outra, sucessivamente; o fim pode ser uma escolha variada, um ato programado desde o início, nunca ter sido pensado, ou ocasionado pela morte inesperada. Maurice Blanchot<sup>49</sup> (1996) diz que o respeito ao calendário é o pacto selado pelo autor do diário. O calendário em sua palavras é “su demonio, el inspirador, el compositor, el provocador y el guardia... Lo que se escribe se arraiga entonces, quiérase o no, en lo cotidiano y en la perspectiva que lo cotidiano delimita” (p. 47). Como enunciado anteriormente, podem-se registrar os grandes e os pequenos acontecimentos impostos pela cronologia. Contudo, há alguns registros que parecem escapar a essa marcação do tempo. Como, por exemplo, a lembrança de um acontecimento passado que compõe o texto do dia presente; o contar anual e/ou mensal de um acontecimento marcante; a expectativa prolongada, registrada diariamente, de um acontecimento futuro esperado com ansiedade.

O tempo vai marcando a narrativa e, ao mesmo tempo, é marcado por ela. As entradas, datadas dia a dia, vão construindo uma continuidade para/da escrita, uma intenção e um propósito posto no ato de escrever, que podem, eventualmente, ir se renovando no/pelo tempo e/ou transformando no/pelo tempo.

O diário é uma forma aberta de escrita, como afirma Beatrice Didier (1996); “un saco donde cabe todo”, como resumiu, Laura Feixas (1996, p.12). Um espaço onde o sujeito pode se “colar” em figuras, adesivos, cartazes de filmes, fotos de pessoas famosas e outras nem tão famosas, quadros, pinturas, desenhos, reportagens de jornal e revista, bilhetinhos de amigas/os e até em papéis de bala; em transcrições de letras de música, poesias, versinhos, frases famosas de gente famosa, trechos de livro, cartas recebidas, cartas jamais enviadas, lista de compras, receitas de bolos... Pode narrar um dia monótono com poucas palavras ou se faltar de palavras em dizer tudo de um dia em que aparentemente não aconteceu nada; pode listar o que se ganhou de presente em datas de aniversários e também o que os outros ganharam

---

<sup>49</sup> Foi um escritor e teórico da literatura francês, notório pensador do pós-estruturalismo e que exerceu forte influência sobre nomes como Jacques Derrida. Artigo referido: “El diário íntimo y el relato”, Revista de Occidente, 1996



quando completaram anos de vida; pode contar segredos seus e dos outros; pode narrar dias históricos ou sem importância nenhuma até mesmo para si; pode ser repetitivo, redundante, alusivo, evasivo, sutil, cometer erros de grafia, de concordância, de coerência, brincar com as palavras, usar códigos, perder-se na escrita, abrir lacunas, explicar-se, declarar-se, esconder-se, embrulhar-se e desembulhar-se de muitos modos. O diário, assim, apresenta-se como um espaço de invenção, no qual o sujeito inventa formas de se compor e se decompor em histórias e estórias escritas no/pelo cotidiano.

Essa liberdade de escrever, como assinala Alain Girard<sup>50</sup> e Beatrice Didier, citados por Manuel Alberca, tem um sentido histórico consagrado como um direito; portanto, continua Alberca:

el diario responde con bastante exactitud, casi como una de sus consecuencias, a ese derecho a decir libremente, pero, al mismo tiempo, y como una más de sus paradojas, derecho también a callar, a guardar o reservar para sí, como si de una propiedad privada se tratase, aquello que a uno solo compete o interesa (2000, p. 35).

Trata-se, como sabemos, de uma escrita secreta, pelo menos, a modernidade lhe outorgou essa distinção. Durante muito tempo, uma escrivanhinha com chave foi um dispositivo de segurança para as confissões mais íntimas. Em tempos recentes, o mercado oferecia os tão famosos diários comerciais com chavinhas, já meio em desuso, substituídos pelas agendas, que caíram na graça de muitas adolescentes. De todo modo, é sempre possível ocultar “diários”, cadernos ou agendas engenhosamente. Às vezes, em vez de ocultar o objeto, oculta-se a própria prática, nem mesmo a família e os amigos mais íntimos vêm a ter conhecimento da escrita do diário. Outras vezes, ela se insinua em espaços públicos, como o saguão de um aeroporto ou mesmo no próprio avião (SFAT, 1988), mas os lugares preferidos são os espaços privados, onde é possível estar “emocionalmente nu e formalmente decomposto” (CUNHA, 2000, p.159). Por outro lado, quem escreve sempre corre o risco de ser lido; esse é o estigma de muitos diaristas que escrevem textos contidos, omissos, reservados, cerceados, disfarçados, distorcidos e cheios de artifícios da linguagem. Há também aqueles que se arriscam mais intimamente na escrita e nesses casos, a destruição do material parece iminente. Todas essas silhuetas revelam o desejo de que a escrita permaneça secreta ou, pelo menos, que só tenham acesso a ela os eleitos pelo diarista, os chamados, leitores cúmplices que, segundo Alberca (2000), têm seu desenho no corpo do texto.

---

<sup>50</sup> Professor emérito da Universidade de Paris-V. Artigo referido: “El diário como gênero literário”, Revista de Occidente, 1996

Para um leitor distante, ou mesmo próximo, o texto de um diário bruto pode se apresentar incompreensível em alguns pontos, sem sentido, cifrado, repetitivo, vago, longo, fragmentado e descontínuo. A leitura pode até, em alguns momentos, tornar-se enfadonha e desinteressante. Páginas e páginas, ou até mesmo quase o diário todo, em que nada parece acontecer, ou onde o que acontece não tem graça aos olhos do leitor. O fato de não saber, hora ou outra, quem são os personagens [reais] enunciados, pode causar também certa contrariedade. Assim como a falta de desfecho ou de explicações sobre o começo de algumas histórias enunciadas. Trata-se de um texto com seus inconvenientes, conforme afirma Freixas (1996). Isso não significa que ele não seja atraente, curioso, cativante, interessante e simpático. O texto desvela uma aventura da escrita cotidiana, seus sujeitos escritores/as, suas faces caricaturadas – detalhes exagerados, contornos apagados – silhuetas de sua intimidade, quadros de uma vida em família, contornos de suas tramas, alegrias, tristezas, conquistas e derrotas, desenhos de seus amores, de suas amizades, as relações de confiança, as traições, perdas sentidas (umas, mais; outras, nem tanto)... histórias contadas aqui e ali, ao sabor dos dias.

Para o pesquisador Alain Girard (1996, p. 32), “el diario no se habría convertido en un género literario si no encontrase una multitud de lectores, que sienten una ardiente necesidad de tales revelaciones”. A publicação de diários, entre outras escritas (auto) biográficas, vem ganhando cada vez mais mercado no Brasil. A historiadora Ângela Gomes<sup>51</sup> (2004, p.7) registra, nos últimos anos, um *boom* no comércio editorial:

Um breve passar de olhos em catálogos de editoras, estantes de livrarias ou suplementos literários de jornais leva qualquer observador, ainda que descuidado, a constatar que, nos últimos 10 anos, o país teve uma espécie de *boom* de publicações de caráter biográfico e autobiográfico. É cada vez maior o interesse dos leitores por um certo gênero de escritos - uma escrita de si -, que abarca *diários*, correspondências, biografias, autobiografias.

De acordo com Manuel Alberca (2000, p. 39), a publicação do diário “es posiblemente la contradicción más flagrante del diario, un género lleno de ellas, su deseo de permanecer en secreto y su necesidad implícita de establecer comunicación”. Alberca cita como exemplo desse paradoxo um trecho do famoso diário do escritor polaco-argentino Gombrowicz<sup>52</sup>:

<sup>51</sup> Professora titular de história do Brasil da Universidade Federal Fluminense (UFF), pesquisadora do Cpdoc da Fundação Getúlio Vargas e doutora em ciência política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj).

<sup>52</sup> GROMBROWICZ, Witold. *Jornal (1953 – 1969)*, Seix Barral, Barcelona 2005. Witold Gombrowicz (1904 – 1969) escreveu seu diário quando era um imigrante polonês na Argentina, no início da II Guerra Mundial. Gombrowicz escreveu diretamente para publicar, por encargo de uma revista de exílio polaco, *Kultura*, que se editava em Paris.

“Para quién escribo? Si es para mí mismo, por qué lo mando a la imprenta? Y si es para el lector, por qué hago como si hablara conmigo mismo? Hablas a ti mismo de tal manera que te oigan los demás?”.

Por mais suspeito que possa soar, Alberca (2000, p.33-34) afirma que, ao ler um diário íntimo, nos damos conta de que, “muchas veces, salvo que el diarista lo escriba con la intención de destruirlo, y lo haga, todos parecen estar a la espera de encontrar su lector amigo o ideal, aquél que los entienda y los ayude...El diarístico es un texto que tiene o diseña su lector cómplice”. O autor afirma não se tratar da publicação; esse é outro problema.

Porém, ao expor sobre a figura do leitor, no caso da publicação do diário, Viana parece falar, com o mesmo teor, de uma cumplicidade também desejada pelo/a autor/a. Segundo a autora (1995, p.52-53), a introdução do leitor dá-se como fraudulenta e a leitura como uma fraude complacentemente tolerada “na esperança de que, entregando um eu em patchwork, sua composição definitiva se faça pela cumplicidade que se deseja entre autor e leitor”.

Isso posto, pode-se propor que tanto o diário quanto o livro parecem caracterizar-se na escrita, por uma mesma busca: a de um leitor cúmplice. Isso me lembra Barthes<sup>53</sup> (1987, p.8), [na minha leitura de Barthes] na questão: não é para quem eu escrevo, mas o espaço que o leitor ocupa no texto. Nas palavras do autor:

Esse leitor, é mister que eu o procure (que eu o drague ), sem saber onde ele está. Um espaço de fruição fica então criado. Não é a pessoa do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo.

Esse espaço parece traçar-se na cumplicidade – pensada, desejada, mirada – entre autor e leitor, seja nas relações privadas ou no enfrentamento do público.

O pesquisador Lejeune (2008, p.299) tem um pensamento avesso. Para ele, o exercício de escrever um diário é como um “esporte” individual (cita esquí ou barco a vela), querendo dizer que “não é uma arte destinada a elaborar um produto que faça sentido para os outros ou lhes dê prazer”.

Recordo uma vez mais Barthes (1987, p.11): “O texto que o senhor escreve tem de me dar prova *de que ele me deseja*. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu kama-sutra (desta ciência, só há um tratado: a própria escritura)”.

---

<sup>53</sup> Roland Barthes (Cherbourg, 12 de Novembro de 1915 — Paris, 26 de Março de 1980) foi um escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. Formado em Letras Clássicas em 1939 e Gramática e Filosofia em 1943, na Universidade de Paris, fez parte da *escola estruturalista*, influenciado pelo linguista Ferdinand de Saussure.

O posicionamento teórico de Mikhail Bakhtin<sup>54</sup> (1997, p.170) problematiza o espaço do outro no texto biográfico (“narrativa de uma vida”):

meu eu-para-mim é inapto para narrar seja lá o que for; mas a posição de valor inerente ao outro é necessária à biografia — uma posição que seja tão próxima quanto possível de mim — e insinuo-me nela de modo imediato através dos heróis da minha vida, os outros, através dos seus narradores. É assim que o herói pode tornar-se o narrador da sua vida. Logo, é com a condição de participar dos valores do mundo dos outros que uma objetivação biográfica pessoal poderá ter autoridade e ser produtiva, poderá fazer com que a posição do outro em mim — desse outro que é o possível autor da minha vida — se consolide e escape ao aleatório, poderá fazer com que a base da minha própria exotopia se consolide, que se apóie sobre o mundo dos outros de que não me separo, e sobre a força e o poder dos valores da alteridade em mim, da natureza humana em mim, que não será uma matéria bruta e indiferente e sim uma matéria que recebeu de mim sua validação e sua forma, sem que, por isso, esteja necessariamente isenta de elementos inorganizados e anárquicos.

A narrativa de uma vida é assim um compor que se insinua, se entrelaça, é intercambiado.

Alain Girard (1996, p.32) levanta um posicionamento interessante retomando a publicação do diário: “La marea creciente del diario, y sobre todo el paso de la intimidad a la publicación, es decir, del carácter privado a un carácter público, manifiestan un cambio profundo en la concepción que la persona tiene de sí misma”.

Aqui se introduz uma das questões chave sobre a escrita de si aberta por Bakhtin (1997, p.166) “como me represento a mim mesmo? Pergunta esta que se distinguirá desta outra: quem sou?”. Outra que deriva da primeira: como eu me invento?

Citarei Carlos Skliar ( p.156) em uma de suas citações “Tal vez por eso Imre Kertész (2000) comienza su libro *Yo, otro*, con una frase firme, demoledora: ‘*El yo es una ficción de la cual apenas somos coautores*’.

Já a pesquisadora Nora Catelli (2007, p.302) simplifica, em uma expressão, a complexidade do assunto: “el autor es ese yo que al decir yo dice otro”.

De um modo geral, o diário é visto como um texto impublicável em sua totalidade. Segundo Alberca (2000, p. 41), “es que la singularidad y proliferación de la escritura diarística hace que el diario, de hecho, resulte impublicable sin supresiones, adaptaciones o explicaciones, pues su carácter repetitivo o críptico así lo aconseja”. A questão toda é que, como aborda Béatrice Didier (1996, p.43), “no son obras propiamente dichas: ni tienen el carácter acabado de éstas”. Todo mundo [también] sabe tratar-se, em princípio, de uma prática da escrita que não se destina à publicação. O que acarreta, de início, a liberdade de

<sup>54</sup> Capítulos estudados do livro *Estética da Criação Verbal: A autobiografia e a biografia, Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1997

quem escreve ignorando as duas coações que existem para todo escritor: o editor e o público leitor (DIDIER, 1996). Ao decidir tornar seus cadernos íntimos, públicos, o autor/a traz para o texto um outro olhar – o do leitor/a – que já não é mais aquele que escreve, ou o amigo íntimo. Em que isso implica? Em muitas coisas, algumas (?), acredito, podem [com certeza] escapar a este texto.

Em primeiro lugar, implica transformar o texto escrito em um livro que terá, na figura do editor, uma intenção e, na perspectiva de um público, a preocupação de que a obra seja de interesse para o leitor e que possa ser lida, no sentido de ser compreendida. A publicação tem, assim, um caráter todo dirigido ao público leitor, o que, de certa forma, parece distanciar o diário do livro, na medida em que o diarista não escreve para esse público. Geralmente, o texto de um diário é clandestino, sem destinatário e fechado ao olhar do outro (VIANA, 1995). Talvez, aqui, esteja a transformação mais sensível do diário em livro.

De um modo geral, Lejeune (1997) afirma que o diário comenta a si mesmo; no caso da publicação, entende-se que o livro é que explica o diário e o apresenta ao público leitor. Daí que os prefácios vêm recheados [alguns, pouco; outros, muito] de informações sobre a autora e seu diário. Geralmente, busca-se presentificar a autoria através da composição de dados biográficos, atestar a veracidade do diário enquanto documento histórico, e/ou atestar a qualidade de seu texto enquanto obra literária e traçar as linhas de leitura e de interesse do/para o público leitor.

A preocupação com o leitor e o interesse que ele possa vir a ter em ler o diário aparecem como marcas dos discursos das autoras, quando são elas que se apresentam ao público. Helena Morley (1958), em sua famosa *Nota à 1ª edição*, datada de setembro de 1942, escreveu: “Não sei se poderá interessar ao leitor de hoje a vida corrente de uma cidade do interior, no fim do século passado, através das impressões de uma menina, de uma cidade sem luz elétrica, água canalizada, telefone, nem mesmo padaria” a não ser, às meninas de hoje que poderiam comparar sua vida atual com a vida antiga que as meninas levavam. Já Maria Julieta (1985) acreditava ser possível que um documento assim, como o que apresenta interesse tanto a alguns “espíritos maduros – que, tendo vivido experiência semelhante, talvez se vejam espelhados nestas páginas – [quanto] aos mais jovens – que, não tendo noção de como eram seus companheiros de outros tempos, talvez vejam neste diário uma espécie de incunábulo curioso”. Enquanto a atriz Odete Lara achava que a sua publicação:

Careceria de interesse, já que as sugestões que recebia de editores eram no sentido de que relatasse minhas experiências mais recentes, ao deixar a “ribalta”, onde vivera quase toda a minha existência, para mergulhar no incógnito. Achei, porém, que omiti-la seria esconder aspectos mais sombrios

da minha trajetória que, eventualmente, possam servir de espelho aos que, por infortúnio, se depararem com dificuldades análogas (1990, p.13).

Quando a introdução do diário [livro] é feita por jornalistas, historiadores, pesquisadores, escritores, críticos literários, entre outros, há uma tendência, além de se ressaltar qualidades literárias e sua importância enquanto documento histórico, em apresentar também ao leitor o relato diário do cotidiano como algo que possa ser de seu interesse. Um bom exemplo é o prefácio de *Diário das Máscaras* (1966), escrito pelo professor de literatura Thiers Martins Moreira que, depois de exaltar as qualidades literárias da obra, diz que “só por isso o livro não mereceria ser impresso. Será matéria sem vida. Uma decoração inútil”. Segundo o professor (1966, p.12-13),

O que vai interessar o leitor é esse desenrolar dos pequenos problemas humanos que brotam das circunstâncias e povoam as horas. O livro não conta uma história. Conta pedaços de vida, fragmentos que, somados, dão a existência. Se, no entanto, o leitor, pelo hábito dos romances, quiser uma personagem, encontrará nesses fragmentos a própria autora, que é quem surge dessas notas, escritas pela manhã, à tarde ou à noite, quando a advogada, fugindo da profissão, teve necessidade do papel para dizer o que estava em silêncio. E verá, então, surgir uma novela, onde o intrincado das situações e dos conflitos se disfarça na forma íntima dos diários que contam as coisas realmente acontecidas.

Outro exemplo é a introdução feita pelo jornalista historiador Carlos Reverbel (1983) do *Diário de Cecília de Assis Brasil*. Mesmo reconhecendo o diário como um importante documento histórico, no caso até de uma possível biografia de J. F. de Assis Brasil, pai de Cecília, o jornalista ressalta o relato do cotidiano:

O Diário de Cecília é acima de tudo uma lição de vida, valorizada pelo trabalho, pelo culto da natureza, pela busca do saber, pelo amor aos animais e pelo respeito ao homem do campo. Escrito sem a preocupação de fazer literatura, consegue reproduzir, com simplicidade, agudeza e, não raro, com toques de fina ironia, a maneira com que a autora, na sua singularidade de temperamento e espírito, via e sentia o meio e as pessoas que a cercavam... Cecília de Assis Brasil faz anotações do seu cotidiano, relacionando-as com o dia-a-dia da sua família, da sua casa, bem assim com acontecimentos do mundo exterior e sua repercussão no ambiente doméstico (p.8).

Os diários editados como documento histórico são os mais explicativos. A começar pelas muitas notas de rodapés, presentes em praticamente todo o texto do diário-livro, explicando “tudo” sobre “tudo”. Parece haver uma preocupação/intenção [diferente da outra, mas complementar] de que o leitor tenha a certeza, quando lê o livro, de estar diante do “verdadeiro” diário da autora. Como informações recorrentes há: como se teve acesso aos manuscritos, em que estado de conservação se encontravam, as possíveis destruições sofridas



pelo tempo, o que se deixou de incluir, a seleção feita. Os organizadores do diário de Bernardina, Celso Castro e Renato Lemos<sup>55</sup>, por exemplo, reconstituem, com detalhe, a trajetória dos seus quatro cadernos, dos quais se preservaram apenas os dois a que tiveram acesso no Museu Casa de Benjamin Constant. Contam eles que após a morte de Bernardina, seus cadernos estiveram, primeiro, em poder de seu filho, Mário Constant de Magalhães Serejo; depois, de Diva, irmã de Peri Constant Bevilaqua, que acabou se tornando o depositário do arquivo da família, vindo a doar um dos cadernos de Bernardina ao poder público, o que viabilizou a organização do Museu. Já o segundo caderno foi doado ao Museu após o falecimento de Peri Bevilaqua. Suspeita-se que os outros dois cadernos tenham desaparecido quando estavam em poder de seu filho.

Os pesquisadores (2009, p. 16) também relatam com detalhe o processo editorial:

No processo que levou ao estabelecimento do texto que se vai ler, consultamos os manuscritos originais de Bernardina, depositados no Museu Casa de Benjamin Constant, bem como as fontes impressas que se referem a alguns dias cujas anotações não foram localizadas. Procedemos primeiro à digitação e revisão do texto. Atualizamos a grafia da maioria das palavras, com a exceção de alguns nomes próprios. Inserimos no texto, entre colchetes, algumas poucas observações. Procuramos, acima de tudo, manter o sabor original do texto de Bernardina.

O mesmo se segue na apresentação do Diário de Cecília de Assis Brasil:

É certo que o Diário de Cecília de Assis Brasil foi iniciado anteriormente, mas pelos cadernos que a família conserva, seu começo data de 21 de outubro de 1916, quando a moça de Pedras Altas ia pelos 17 anos de idade. Esse primeiro caderno vai até 11 de janeiro de 1917. O seguinte abrange o período de 16 de janeiro a 28 de junho de 1918. O *Diário* não deixou de ser escrito, mas foram perdidos os cadernos referentes aos anos compreendidos entre 1919 e 1922. Conserva-se, entretanto, o que se estende de 1º de janeiro a 21 de agosto de 1923... o caderno que cobre os acontecimentos de 1925, é mais extenso, indo de julho a dezembro. O que vem a seguir, referente a 1926, apresenta-se completo... Apresentam-se completos, igualmente, os registros alusivos a 1927, não indo além do mês de setembro os que dizem respeito às anotações de 1928, ano em que nos detivemos na tarefa de seleção dos manuscritos... Entretanto, seu *Diário* prossegue até 1932. Deixamos de incluir textos referentes ao período compreendido entre 1929 e 1932, por serem muito prolongadas as intermitências entre as páginas conservadas e numerosos cadernos desaparecidos (REVERBEL, 1983, p. 6-7).

Uma das poucas autoras a explicar detalhadamente parte do processo de transformação do seu diário em livro foi Odete Lara (1990, p. 13):

A primeira parte deste livro foi escrita há dez anos, numa tentativa de

---

<sup>55</sup> Doutores respectivamente em antropologia social e história, Celso Castro e Renato Lemos estudaram, em suas teses de doutorado, o contexto histórico no qual o diário de Bernardina foi escrito.

dissecar o processo neurótico que me levou à beira da demência e do suicídio. Esse processo, acompanhado por nove anos de psicanálise – de 1961 a 1969 –, transparece nos diários aqui transcritos na mesma forma de linguagem e de sentimentos com que eram registrados na época. A eles intercalei posteriormente trechos narrativos da realidade objetiva, já que esta era ignorada nos diários, voltados unicamente para a realidade subjetiva.

Já Helena Morley (1958) traçou algumas linhas indicativas. Segundo a autora, seus cadernos e folhas avulsas estavam há muito tempo guardados quando decidiu organizá-los para suas netas e, posteriormente, teve a idéia que a convenceu a publicá-los. Segundo informou, em seus escritos não foi feita nenhuma alteração, “além de pequenas correções e substituições de alguns nomes, poucos, por motivos fáceis de compreender”.

Maria Julieta (1985) se limitou a contar como planejou escrever seu diário, em um prefácio que mais parece a primeira página do caderno que ganhou do seu pai:

Quando o recebi ele já estava na página 49... pretendo fazer dele uma espécie de diário, narrando os principais acontecimentos destas férias. Naturalmente não será um diário espiritual, isto é, contendo todos os meus pensamentos mais íntimos, mas um diário que eu possa mostrar a todo mundo. Não me preocuparei em escrever com pompas, ajeitando frases, evitando palavras repetidas... Também neste caderno-diário colarei e transcreverei tudo o que me agrada ou interessa: máximas, poses de artistas, garotas de Alceu, caricaturas e uma série de outros nadinhas que encontrar por aí, nesse mundo grande. Enfim, farei deste caderno, se Deus me ajudar, uma bagunça bem bagunçada, que, quando ficar pronto, deverá ser entregue à minha mãe (p.7).

Há também aqueles diários que são explicados por aqueles que acompanharam o processo de “longe”. Quem conta as possíveis linhas da produção do diário de Dina Sfat é Jaime Bernardes. Segundo ele, o livro “Palmas pra que te quero”, nasceu do fato de ter mandado para a autora um exemplar de Mutações, de Liv Ullmann, em 1978, sugerindo a ela que contasse suas experiências. Diz ele que Dina desconversou, mas que, tempos depois, começou a escrever “o seu diário” e mais tarde chamou Mara Caballero para pesquisar e organizar vasto material sobre sua vida.

Mesmo com todas essas explicações, algumas mais detalhadas e outras nem tanto, acredita-se que, de uma maneira geral, muitas coisas escapam aos olhos do leitor, principalmente informações sobre alterações mais substanciais feitas no texto do diário. Uma amostra do que se pode “esconder”, em um processo de edição, é o depoimento despretensioso de Helena Morley dado em entrevista ao jornal Tribuna da Imprensa (1958). Segundo a autora, na organização de seu diário para publicação, contou com a ajuda de seu marido, que selecionou o material, deixando de lado “muitos acontecimentos que

desagradariam a toda cidade de Diamantina”.

Já um dos exemplos mais flagrantes do processo de edição e das possíveis alterações que podem ser feitas em um texto de diário é o cotejamento – amostral – pioneiro realizado pela pesquisadora Elzira Divina Perpétua (2000). A autora realizou um cotejamento entre os cadernos manuscritos de Carolina de Jesus e o livro publicado *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Tratou-se de uma investigação garimpeira. Perpétua teve acesso aos originais durante uma entrevista com o jornalista Audálio Dantas, que editou o livro.

Ao comparar os materiais, a pesquisadora observou três tipos de modificações feitas no texto para publicação – acréscimos, substituição e supressões – sendo as supressões as mais frequentes. Segue um resumo feito pela autora (2000, p.169) das principais alterações verificadas:

As supressões vão desde a omissão de partículas como pronomes, até vocábulos, orações, parágrafos, páginas que registram dias inteiros, semanas, meses, e podem abranger até um caderno inteiro, como é o caso do Caderno 21, com 400 páginas inéditas. Não há caderno que tenha sido publicado integralmente. Com relação a Quarto de Despejo, a tendência observada é a de restringir cada vez mais os trechos para publicação, à proporção que o cadernos se acumulam – 100 dias registrados nos cadernos 1 e 2, juntos, preenchem 75 páginas de Quarto de Despejo, a metade do diário de 1958 e 1959; a outra metade está distribuída entre os 20 cadernos que cobrem os 16 meses restantes.

A justificativa do editor, para as modificações feitas, é o caráter repetitivo do texto – diz Audálio: “apoia-se no fato de que, na ânsia de escrever tudo Carolina tudo repete” (2000, p.169). Porém, o trabalho editorial não se limitou a suprimir repetições. Segundo Perpétua (2000, p.171), as supressões editoriais ocorreram, sobretudo, no que concerne às reflexões sobre a vida: “o posicionamento político de Carolina que acompanha seus comentários sobre os acontecimentos locais, nacionais e internacionais...[e] o tom agressivo [de Carolina] que seria de todo natural diante das experiências vividas por ela diariamente” (2000, p171 e 172). É neste ponto que reside o que Perpétua considera a maior (ir)responsabilidade da editoração. Para se ter uma idéia dos resultados, dois dos estudiosos da vida e obra de Carolina, Robert Levine e Bom Meihy, chamvam a atenção para a passividade (manipulada) demonstrada nos relatos do diário publicado. De acordo com Perpétua, o processo de editoração provocou “uma leitura parcial ou até mesmo equivocada da imagem de Carolina” (2000, p. 172).

O que o trabalho de cotejamento evidencia, segundo a pesquisadora, é a construção do “estereótipo de uma personagem do povo com pouca escolaridade” (p.177). Audálio, como comprova o estudo, suprimiu o que a escritora tinha de diferente das pessoas que viviam na

favela – o interesse pelos livros e por tudo que dizia respeito à educação formal e à cultura - e tornou por meio de substituições, sua linguagem mais popular.

De acordo com Perpétua (2000, p. 189) o objetivo era manter uma certa imagem de Carolina compatível com a de vítima social desamparada por todos e resignada com sua sorte, e evitar interpretações indesejáveis da personagem:

O projeto de Quarto de Despejo realizou-se como um ato intencionalmente predeterminado de conferir à publicação um valor de representação coletiva da miséria e do abandono do favelado. Para cumprir esse objetivo, foi necessário que o editor adaptasse a narradora a um modelo de sujeito que convergisse para uma personagem que, além de íntegra, forte, resignada e atenta aos problemas da comunidade, fosse também submissa, passiva, sem capacidade de julgamento, sem liberdade interior – enfim, produto e não produtora de um destino.

Na sua tese, Perpétua (2000) dedicou um capítulo muito interessante à imagem de Carolina, intitulado *Carolina segundo ela própria*. Ao discorrer sobre esse modo de representar a si mesma, o trabalho mostra que os manuscritos apresentam outra Carolina, talvez muito pouco conhecida. Perpétua afirma que não capturou no livro “a imagem que Carolina produziu de si mesma nos manuscritos – complexa, multifacetada, proteiforme e até contraditória” (p.289). Isso abre um espaço de discussão sobre até que ponto a imagem do autor/da autora, projetada pelos diários publicados, é semelhante ou distinta da projetada nos cadernos originais. Ou, enunciado de outra forma: o modo como me represento no diário condiz com o modo como me representam no livro publicado?

Em se tratando de diário publicado, é sempre bom não perder de vista os estudos do historiador Roger Chartier. O pesquisador assinala a importância de "separar dois conjuntos de dispositivos frequentemente confundidos: os procedimentos de produção de textos, de um lado, e os de produção de livro de outro" (1996, p.95); "os que destacam estratégias textuais e intenções do autor, e os que resultam de decisões de editores ou de limitações impostas por oficinas impressoras" (1994, p.17). Considera relevante na produção de textos "as senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção" (1996, p.95). E ainda ressalta que "os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos" (1994, p.17). “O livro sempre visou instaurar uma ordem: fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação” (1994, p.8).

Para Enric Bou<sup>56</sup> (1996, p. 125) “nunca sabremos cuánto de [un] diario ha sido suprimido, reescrito”. Mesmo porque, o acesso aos originais e a possibilidade de um cotejamento é, na maioria dos casos, pouco provável. Algumas modificações, como o autor observa, vêm demarcadas pelo editor “algunos anotan entre corchetes, o fechas, las anotaciones y cambios que introducen en su texto supuestamente original” (p.125). Contudo essas inscrições se configuram mais como exceção do que regra.

O pesquisador Philippe Lejeune (2008, p. 58) afirma, categoricamente que “es raro que un diario sea publicado tal como ha sido escrito, sin retoques ni cortes”. Mesmo porque, como ele mesmo argumenta, um diário só ganha algum valor literário se for modificado ou podado. Contudo, isso acarreta, de acordo com o pesquisador, a perda do que considera essencial na escrita do diário: a autenticidade do momento. Para explicar a originalidade do texto de um diário, Lejeune (2008, p.260) o compara à obra de artes, a qual “só existe em um único exemplar”. Segundo Lejeune (2008, p.285), um “autêntico” e “verdadeiro” diário é:

*Descontínuo; lacunar; alusivo* –... qualquer página escrita contém em suspenso, mas apenas para aquele que a escreveu, toda uma “referência” à qual ele próprio, aliás, só tem acesso através dela e que não existe para nenhum outro leitor... *Redundante e repetitivo... Não narrativo* –... ele não é construído como uma narrativa com começo, meio e fim... (grifo nosso)

Dentre as características enunciadas, a primeira tarefa de um editor, explica Lejeune (1997, p. 103), é eliminar as repetições. A segunda, da qual o pesquisador não fala diretamente, mas sobre a qual me arrisco a dizer algo, é dar ao texto um caráter narrativo e explicativo, limitado pelo número de páginas que compõem um livro. Essa limitação pode até se configurar nos diários com início e fim programados, como por exemplo: diário de férias, de viagem, de trabalho, de pesquisa, terapêuticos, de gravidez, entre outros. De acordo com Lejeune (2008, p. 271), “a limitação desses cadernos é ao mesmo tempo cronológica e temática: são diários parciais, dedicados a um período, e centrados em uma zona de experiência particular”. Mas, de uma maneira geral, o editor tem que lidar com o inacabamento do diário e lhe dar uma forma fechada, ou seja, escolher como começa e termina o livro, tendo em vista um número x de páginas. Pode-se aventar que nem sempre a primeira página do livro coincide com a primeira página do diário e que o fim do livro pode não ser o fim da escrita do diário.

---

<sup>56</sup> Professor de Literatura em Brown University (Estados Unidos). Os interesses de ensino e pesquisa de Enric Bou cobrem uma ampla gama de tópicos do século XX espanhol peninsular e da literatura catalã, envolvendo especialmente a poesia, a autobiografia, a cidade, a literatura e o cinema espanhol. Artigo referido: *El diario: periferia y literatura*, Revista de Occidente, 1996.

Uma das questões mais polêmicas no que concerne à transformação do diário em livro diz respeito à esfera da intimidade nos limites do processo de editoração. O pesquisador Manuel Alberca (2000, p.38) traça seus contornos, que não parecem tão nítidos, com uma afirmação talhante “íntimo y publicado, diario imposible”. De acordo com o estudioso “no hay ni puede haber diarios íntimos editados o escritos con la previsión de ser publicado”.

A questão toda parece envolver as intenções e os propósitos do autor ao escrever.

Há diários escritos com a intenção prévia de serem publicados, os quais, de certo modo, apresentam uma estrutura mais acabada, mais explicativa, menos fechada ao olhar do outro, com um conteúdo mais moldado e com uma perspectiva de fim (mesmo que esta seja a morte). Neste caso, como bem ressalta Béatrice Didier (1996), o diarista escreve o texto com os olhos voltados para a publicação e, assim, o diário se torna suscetível de registros completamente diferentes e que, a princípio, pareciam encontrar-se fora. Alberca (2000, p.39) complementa, afirmando que escrever um diário pensando em sua publicação “cambia necesariamente la perspectiva del diarista, cambia o modifica su sentido, le hace ser quizá más cauteloso, más trascendental o pretencioso, midiendo las consecuencias que podría desencadenar su versión de los hechos o de sus opiniones en otros y en él mismo”. Um exemplo, bem conhecido, são os diários de Marie Bashkirtseff, publicados logo depois de sua morte prematura por tuberculose, aos vinte e quatro anos. A jovem confessou, nas páginas de seu diário, o desejo de que eles fossem publicados caso morresse (GAY, 1995). O que se apresenta assim ao público é o que Lejeune (20008, p.291-292) chama de uma “intimidade vestida de paletó e gravata”.

É nesse sentido que Alberca (2000, p.38-39) assinala uma primeira distinção entre os diários publicados: “en principio, una cosa es llevar un diario con las miras puestas en su publicación y otra muy distinta la edición póstuma de un diario, que se llevó sin entrever esa posibilidad ni de manera remota, incluso con la convicción de que nadie había de leerlo”. Estes são considerados por Alberca como os únicos diários íntimos editados “distante del momento y hasta de la persona que en el momento de su escritura se fue, pero ya no se es”.

Os diários póstumos, escritos com a convicção de que nada ou ninguém os leria, são publicados geralmente, por familiares ou com sua autorização. Dessa forma, é difícil imaginar que tais textos também não tenham suas arestas aparadas, pois os representantes da família podem assumir o papel de editores do texto. Conforme assinala Enric Bou (1996), há possibilidades de intervenção no texto pela censura familiar ou por todo tipo de condições editoriais. A família, buscando proteger e preservar a imagem do/a diarista e de outros personagens reais, pode excluir e alterar trechos que, ocasionalmente, gerem interpretações



equivocadas ou que não sejam muito agradáveis. Ou então, no caso de edições elaboradas por pesquisadores, a organização e seleção dos trechos podem-se dar pelo interesse histórico.

Alberca (2000) até questiona se deveriam editar os diários que foram escritos pelo autor, para si mesmo, pensando que ninguém os leria. E Sérgio Barcellos<sup>57</sup> (2006) questiona sobre a autoria dos textos, já que não são preparados pelo diarista:

O que emerge desse processo parece ser uma imprecisão em relação à autoria do texto em questão. O diário publicado pode ser completamente atribuído, em termos autorais, ao diarista, somente? Não deveriam editores ou responsáveis pela preparação dos manuscritos figurarem com co-autores do produto final? Em que medida cabe, quando se trata de diários íntimos, discutir autoria?

São questionamentos, segundo Sérgio Barcellos, que ultrapassam questões éticas ou estéticas relativas aos possíveis cortes ou quanto à validade das escolhas e dos descartes.

Uma outra possibilidade não registrada por Alberca é o diário íntimo escrito sem intenção de publicar mas que, eventualmente, vem a público pelas próprias mãos do/a autor/a. Para Sérgio Barcello (2006), nesse caso, é o/a diarista que inicia o processo de editoração. É ele/a que na (re)leitura de seu texto, vai organizando e selecionando o material “como uma forma de aparar as irregularidades e imperfeições de um texto inicialmente sem forma e sem pretensão literária” (BARCELLO, 2006).

De acordo com Enric Bou (1996, p.125), essa iniciativa de decidir publicar afeta de maneira precisa a condição íntima e privada do diário: “del lector único, de la sinceridad – auténtica –, pasamos a la sinceridad – manipulada –, de cara a un público”.

Manuel Alberca (2000, p. 42) acaba por concluir que somente os diários de pessoas comuns “son los verdaderamente sinceros e íntimos, al menos no están condicionados, casi nunca, por un hipotético paso por la imprenta, y en su gratuidad o necesidad están escritos, en principio, sin pretensión de hacerlos públicos”.

Por outro lado, os estudos de Leonor Arfuch<sup>58</sup> (2010, p. 96) nos levam a outras leituras. Segundo a autora, poderíamos dizer que ambos os espaços público e privado

---

<sup>57</sup> Sergio da Silva Barcellos concluiu o mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 2004. Recebeu o título de Doutor em Letras, pela PUC-Rio, em março de 2009. Atuou como professor de Literatura Brasileira no Pré Vestibular Comunitário Para Negros e Carentes da Rocinha, entre 2001 e 2005. Leciona em um módulo do Curso de Especialização da UERJ, em Literatura Brasileira, sobre escrita diarística e subjetividade, desde 2008. Desenvolve, também, como estágio de pós-doutoramento, pesquisa sobre a inscrição do corpo na escrita diarística.

<sup>58</sup> É doutora em Letras pela Universidade de Buenos Aires, instituição onde hoje atua como professora titular na Faculdade de Ciências Sociais e também na de Arquitetura, Desenho e Urbanismo. O livro referido, *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, teve sua primeira edição na Argentina, em 2002. Considerado referência em várias áreas de conhecimento, vem sendo lido e adotado em todo o continente latino-americano.

se entrecruzam sem cessar, numa e noutra direção: não só o íntimo/privado saíria de seu caminho invadindo territórios alheios, mas também o público não alcançaria o tempo todo o estatuto da visibilidade... os temas – e seus formatos – seriam então públicos ou privados, segundo as circunstâncias e os modos de sua construção.

A pesquisadora acaba por deslocar a questão dos temas – o que se diz – para os modos de construção do que se diz. Ocorrem-me as seguintes questões: como o sujeito compõe sua intimidade ao representar a si mesmo? Como o sujeito se compõe como sujeito ao inventar-se no papel em uma escrita diária? Afinal, o que faz com que um diário seja UM DIÁRIO?

### Algumas considerações

Longe de responder a qualquer das questões enunciadas ao longo da pesquisa o objetivo foi (re)desenhar a prática da escrita do diário íntimo, em suas diversas facetas, borrando as fronteiras entre uma escrita dita ordinária e outra dita literária, entre uma escrita aparentemente secreta e outra que se torna pública, entre uma escrita para si e uma escrita para o outro, entre uma escrita íntima e outra não tão íntima(?), entre os modos de ser e de se inventar para si e para o outro na escrita, buscando, nas transformações de um em outro, o que permanece nesses textos e o que se transforma, que não deixa de ser o que caracteriza a própria prática da escrita do diário.

Buscar o que se transforma e o que permanece no texto publicado parece-me que vai muito além de um cotejamento entre os diários originais e a obra publicada, abre espaço para a discussão da presença do outro na prática da escrita do diário e na prática da escrita, um campo de estudo a ser explorado na própria caracterização do que é um diário.

Sabe-se que o livro publicado não é mais o diário, mas o livro (os dispositivos de apresentação) traz indícios da prática do que nos aproxima do diário. Quando a autora de um diário fala de sua prática, conta como eram seus cadernos, como eles chegaram às suas mãos, por que começou a se inscrever em suas páginas, em que momento, quais eram as suas intenções - o que pretendia ao escrever, ao se embrulhar e desembulhar em suas páginas - por quanto tempo guardou esses escritos entre outras coisas; e quando outros contam como lhes foi confidenciado o texto escrito - em cadernos e folhas soltas - para leitura antes da publicação, o que salta aos nossos olhos são os contornos, alguns, nítidos; outros, nem tanto, de uma prática da escrita ordinária.

Dando continuidade à temática, caberia um estudo mais cuidadoso do conteúdo desses diários publicados, daquilo que pode haver de mais íntimo – a exposição de si e do cotidiano – as marcações ordinárias do tempo: nascimento/aniversário, morte, noivado/casamento, reuniões familiares, período escolar, férias, mudanças de local, viagens, natal, passagem de ano. As muitas maneiras de contar o tempo<sup>59</sup>, de senti-lo, de (re) vivê-lo, de registrá-lo, de inscrever os eventos e os acontecimentos, ou seja, o que diz de si mesmo a autora, desses eventos e/ou acontecimentos.

---

<sup>59</sup> Vivian Carla Calixto dos Santos. As cartas, a escrita e a linguagem: a temporalidade em questão. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação - Rio Claro) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, . *Orientador*: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALONSO, A. Nabuco na intimidade. Diários de Joaquim de Nabuco. **Novos Estudos no. 74**. CEBRAP, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento: Brasil. Mar. 2006. Disponível em: <[http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/nabuco\\_na\\_intimidade.pdf](http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/nabuco_na_intimidade.pdf)> acesso em: jan. 2009

ALBERCA, M. **Testimonios sobre el diario íntimo**. España: Sendoa, 2000

ANDRADE, M. J. D. **Diário de uma garota**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa, 1985

ARAUJO, M. C. D'. O fio da Meada no diário de Vargas. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 17, 1996. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/218.pdf>> acesso em: dez. 2008

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010

AUTRAN, M. Ninguém visita a interna do cubículo 2. In: CANÇADO, M. L. **Hospício é Deus**. 1. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1990

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

\_\_\_\_\_. El problema de los géneros discursivos. In: **Estética de la creación verbal**. México: Siglo Veintiuno Editores, 2<sup>a</sup> edição. Em português: Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 277-326.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARCELLOS, S. Diários revisados, sujeitos retocados. **Revista Escrita**, PUC, Rio de Janeiro. n. 7, 2006. Disponível em: <[http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev\\_escrita.php?strSecao=input0](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/rev_escrita.php?strSecao=input0)> acesso em: dez. 2008

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987

BLANCHOT, M. El diario íntimo y el relato. **Revista de Occidente**, Madrid, n. 182-183, p. 47-54, 1996.

BOU, E. El diario: periferia y literatura. **Revista de Occidente**, Madrid, n. 182-183, p. 121-135, 1996.

BRITO, I. Z. **A produção escrita de alunos adultos como matriz reveladora do processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

BUENO, R. **Diário das Máscaras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1966

BUENO, R. **Diário das Máscaras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fontana, Brasília: INL-MEC, 1980

BUENO, R. **Em psicanálise: registros e anotações**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983

CAMARGO, M.R.R.M. **Cartas e Escrita**. Tese de Doutorado. FE-UNICAMP, 2000. Disponível no Sistema Digital Unicamp / Teses e dissertações.

CAMARGO, M.R.R.M.; AGUIAR, C.M. Registros alternativos de saberes culturais: contribuição para a formação de professores. In: BARBOSA, R.L.L. **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

CANÇADO, M. L. **Hospício é Deus**. 1. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1990

CATELLI, N. **En la era de la intimidad: seguido de el espacio autobiográfico**. 1. ed. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2007

CARDOSO, M. H. **Vida-vida: memória**. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: INL, 1973

CERTEAU, M. **A escrita da História**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. **L'invention du quotidien. L'arts de faire**. Paris, Gallimard, 1990.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Trad. de Ephaim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994

\_\_\_\_\_. **A história cultural. Entre práticas e representações.** Lisboa, Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. **Práticas de leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 1996

\_\_\_\_\_. **Cultura escrita, literatura e história.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

COELHO, N. N. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001).** São Paulo: Escrituras Editora, 2002

CONY, C. H. Maura Lopes Cançado. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 15 jun. 2007

CUNHA, M.T. S. **Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro.** Patrimônio e Memória (UNESP. Online), v. 3, p. 1-18, 2007. Disponível em: <[http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio\\_e\\_memoria/patrimonio\\_e\\_memoria\\_v3.n1/maria\\_teresa.pdf](http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v3.n1/maria_teresa.pdf)> Acesso: abr. 2009

\_\_\_\_\_. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, A. C. V. BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica.** Florianópolis: Mulheres, 2000. p.159-180.

\_\_\_\_\_. Diários Pessoais. Territórios abertos para a História. In: PINSKY, C. B., LUCA T. R. de. (org.) **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Editora Contexto, 2009. p. 251-280.

DIDIER, B. El diario ¿forma abierta?. **Revista de Occidente,** Madrid, n. 182-183, p. 39-46, 1996.

D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, M. D. (org.) **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997. p. 223-240

DUARTE, L. C. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados,** São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci_arttext)> acesso em: mar. 2010

ELEUTÉRIO, M. L. **Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos 1890 – 1930.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2005



EULALIO, A. A história natural de Helena Morley: Minha Vida de Menina. In: CALIL, C. A.; BOAVENTURA, M. E. (orgs.) **Livro involuntário: literatura, história, matéria & memória**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 35 - 43

FRANK, A. **O diário de Anne Frank: edição integral**. Rio de Janeiro: Record, 2008

FREIXAS, L. Auge del diario ¿íntimo en España?. **Revista de Occidente**, Madrid, n. 182-183, p. 5-14, 1996.

GAY, P. **O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

GIRARD, A. El diario íntimo como género literario. **Revista de Occidente**, Madrid, n. 182-183, p. 31-38, 1996.

GOMBROWICZ, W. **Diário (1935-1959)**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2005

GOMES, Â. C. (org). **Escrita de si, escrita da história**. RJ: Editora FGV, 2004.

HENRIQUE, M. C. Um toque de Voyeurismo. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312005000200006&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312005000200006&script=sci_arttext&tlng=es)> acesso em: jan. 2009

MOREIRA, R. L. Os diários pessoais e a (re)construção histórica. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 17, 1996. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/217.pdf>> acesso em: dez. 2008

JARDIM, R. **Vazio pleno: relatório do cotidiano**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 1. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Círculo do livro

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 1993

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 2. ed. São Paulo: Edibolso, 1976

LACERDA, L. **Álbum de leitura: memórias de vida, história de leitoras**. São Paulo: UNESP, 2003

LARA, O. **Minha jornada interior**. São Paulo: Editora Best Seller, 1990

LEJEUNE, P. Diários de garotas francesas no século XIX: constituição e transgressão de um gênero literário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 8, n. 9, 1996. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/31102009-093637lejeune.pdf>> acesso em: abr. 2009

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

MAGALHÃES, B. B. **O diário de Bernardina: da Monarquia à República pela filha de Benjamin Constant**. Organização, introdução e notas Celso Castro e Renato Luís do Couto Neto e Lemos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009

MEIRA, M. Livro da brasileira Morley é comparado em Paris ao de Anna Frank. **Jornal do Brasil**, 22 jun. 1960

MORLEY, H. **Minha vida de Menina: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1958

MORLEY, H. **Minha vida de Menina: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX**. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988

MORLEY, H. **Minha vida de Menina: cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

MOURA, M. (Maria Cristina Nogueira) **Por debaixo da toga**. Rio de Janeiro: Linolivro, 1984

MUZART, Z. L. De navegar e de navegantes. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p.181 - 190.

PERPÉTUA, E. D. A escrita autobiográfica. In: ALMEIDA, M. I. (org.) **Para que serve a escrita?**. São Paulo: EDUC, 1997. p.169 – 173

\_\_\_\_\_. **Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo**. 2000. 367f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000

OLIVEIRA, R. M. C. **Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado (2002). Universidade Federal da Bahia. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarrios-publicos-mundos-privados.html> > acesso em: dez. 2008

PERROT, M. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989. Disponível em: <[www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=3846](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3846)> acesso em: nov. 2009

RAMOS, T. R. O. Querido diário: agenda é mais moderno. In: MIGNOT, A. C. V. BASTOS, M. H. C., CUNHA, M. T. S. (orgs.) **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p.191 - 202.

REVERBEL, C. Introdução. In: BRASIL, C. A. **Diário de Cecília Assis Brasil**. Porto Alegre, L&PM, 1983

SABINO, F. Livros. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 8 jun. 1958

SANTOS, V. C. C. **As cartas, a escrita e a linguagem: a temporalidade em questão**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação - Rio Claro) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

SCHWARZ, R. **Duas meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. (org.) **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 63-96

SFAT, D. ; CABALLERO, M. **Palmas pra que te quero**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica Ltda, 1988

SURIAN, T. **Um estudo das práticas de escrita de mulheres (escritoras ou não) na Educação de Jovens e Adultos**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação - Rio Claro) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

TELLES, L. F. Mulher, mulheres: In: PRIORE, M. D. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 669-672

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, M. D. (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 401-442

VARGAS, G. **Getúlio Vargas diário: volume I (1930-1936)**. Apresentação de Celina Vargas do Amaral Peixoto; edição de Leda Soares. São Paulo: Siciliano, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995

VIANA, M. J. M. **Do sótão à vitrine: Memória de mulheres**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1995.

VIÑAO, A. F. **Las autobiografias y diarios como fuente historico-educativa: tipologia y usos**. Sarmiento: Anuario Galego de Historia de la Educación. Universidade de Vigo, n. 3, 1999.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1995